Esta exposição propõe um diálogo entre a arte contemporânea — e ultracontemporânea — e o acervo de joias e gemas do Museu do Tesouro Real, cruzando a liberdade da criação artística com o rigor técnico da gemologia. O objetivo é promover uma reflexão sobre a forma como a criação artística molda e transfigura a nossa perceção visual, convidando o público a contemplar as obras de arte e a imaginar nelas a cor das gemas e joias do acervo.

Mas por que o tema Luz, Forma e Cor? A nossa apreciação das joias, das gemas e das obras de arte só é possível através da luz. Sem ela, a visão não existiria. A luz, ao ser captada pelo olho humano, provoca fenómenos visuais que, muitas vezes, nos passam despercebidos. Tomemos como exemplo o metamerismo: um fenómeno visual que ocorre quando dois objetos distintos — uma obra de arte e uma joia — parecem partilhar a mesma cor sob uma determinada iluminação, revelando tons completamente diferentes assim que a fonte de Luz se altera. Fica claro, portanto, que a luz é o fator decisivo tanto na criação artística e na joalharia como no comportamento ótico das gemas.

Uma reflexão fundamental sobre a luz encontra-se em Plínio, o Velho, que no Livro XXXVII da sua *Naturalis Historia* — o primeiro grande tratado de gemologia — já sublinhava a importância vital da luz no estudo dos minerais. Ao evocar o mito de Dibútades, Plínio sugere que o desenho e a escultura nasceram no momento em que, através de linhas de carvão, se circunscreveu a sombra de um homem projetada contra uma parede. Sem a Luz, nunca existiria Sombra, nem Forma, nem Cor. O desenho nasce, a partir daí e abre caminho para a escultura tridimensional. Esta visão é complementada por Victor Stoichita (na sua obra *A Breve História da Sombra)*, para quem o contorno da sombra serve para fixar a imagem de uma "presença ausente", transformando a arte num processo conceptual, e não meramente numa representação do real.

Ernst Gombrich corrobora esta leitura ao notar que, ao contrário dos gregos, os egípcios não desenhavam a "realidade visual", mas sim o "saber". Pode-se concluir, através de Plínio, que a luz foi decisiva para o desenvolvimento da arte grega, que revolucionou a estética ao introduzir novos conceitos de Forma, como a simetria, proporção e filosofia do corpo humano. A beleza passou a ser uma busca matemática e filosófica — a harmonia entre o físico e o espiritual. É inegável que a arte que conhecemos começou há mais de 30.000 anos, com as pinturas rupestres, evoluindo através das civilizações mesopotâmica e egípcia. Contudo, foi na Grécia que a arte ganhou uma nova dimensão percetiva.

Giotto di Bondone revolucionou a forma ao conferir volume e naturalismo através do uso da luz e da sombra, fechando o Gótico e abrindo as portas ao Renascimento. Leonardo da Vinci inovou com o *sfumato*, eliminando linhas rígidas, enquanto Caravaggio, no Barroco, levou o claro-escuro ao extremo com o tenebrismo. Rembrandt, por sua vez, aliou este domínio da luz a uma profunda carga psicológica. No final do século XIX, Manet marcou a passagem para o Impressionismo ao alterar radicalmente a forma como a luz e a cor representam a vida, fazendo do cérebro do observador um elemento ativo na descodificação da imagem. Por fim, Paul Klee inverteu este processo, privilegiando a abstração onde a definição do significado emerge apenas com a obra concluída.

Contudo, ao abordarmos a Forma, impõe-se a questão: será a Forma o resultado direto da luz ou existe de maneira autónoma? No pensamento de Rudolf Arnheim e de Lancelot Law Whyte encontramos perspetivas fundamentais: para Arnheim, a forma é indissociável da perceção humana, dependendo inteiramente do olhar; para Whyte, a forma transcende o sujeito, residindo na estrutura e geometria intrínseca da natureza.

E assim, por fim, entramos no domínio da cor: a própria manifestação da Luz (o espectro). A Luz e a Cor atravessam diversas disciplinas, integrando abordagens científicas, psicológicas e espirituais. Destacam-se figuras como Newton, que em 1666 apresentou o primeiro círculo cromático científico; Young e Helmholtz, com a sua teoria tricromática; Goethe, que, na sua *Teoria das Cores*, abordou a fenomenologia da perceção; Kandinsky, que em *Do Espiritual na Arte* (1911) explorou a subjetividade e o transcendente na arte através da cor; e, por fim, Michel Pastoureau, cujas obras desvendam a complexa história heráldica e cultural dos pigmentos.

Podemos concluir, pois, que a Cor é essencial para a nossa perceção visual e psicológica. Apreciamos as obras de arte, gemas e as joias através do que sentimos, estabelecendo associações constantes; um objeto inspira o outro, e é na nossa mente que a Forma, a Cor e a Luz se cruzam, revelando que, mesmo em elementos aparentemente opostos, existe uma unidade profunda na forma como vemos e apreciamos o mundo.

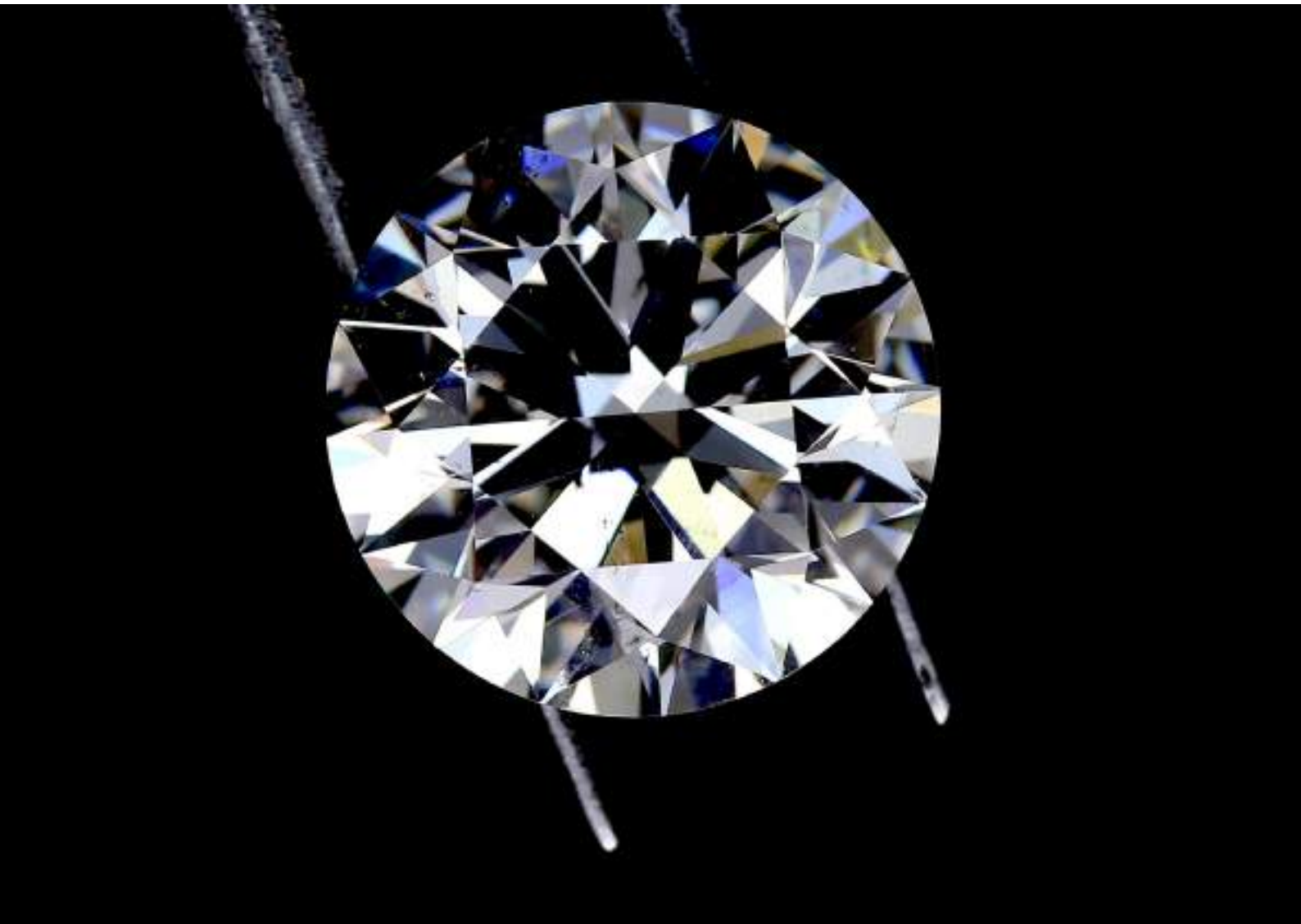
O Curador: Francisco Lacerda

USIA.CO.UK/mtr

Adelaide de Freitas
Ana Gonçalves
Carlos Barahona Possollo
Carol Welsch
Cristina Albaker
Daniel Schär
Isabel Soares dos Reis
Jessica Dunn
Marc Sarkis Gulbenkian
Maria João Vale
Maria Reis
Marjorie Salvagni
Martin Stranka
Mónica de Morais
Rita Andrade
RVieira
Teymur Rustamov

LUZ FORMA COR

Museu do Tesouro Real
Palácio Nacional da Ajuda





Retrato de D. João VI
Domingos Sequeira (1768 - 1837)
c. 1802
Óleo sobre tela
109 x 80 cm
PNA, inv. 4115

O Museu do Tesouro Real é uma das mais recentes e significativas instituições culturais de Portugal, localizado na ala poente do Palácio Nacional da Ajuda, em Lisboa. Inaugurado em junho de 2022, o museu foi criado para acolher e expor permanentemente a extraordinária coleção de joias da Coroa portuguesa, que anteriormente se encontrava dispersa e em grande parte inacessível ao público.

A criação do museu concretiza uma visão de longa data: devolver ao Palácio da Ajuda a sua função original como residência real e espaço de representação cerimonial do poder monárquico, reunindo os tesouros que serviram a Casa Real portuguesa.

Instalado numa estrutura moderna e de alta segurança, o museu estende-se por mais de 40 salas, organizadas em secções temáticas. Estas permitem aos visitantes explorar não só a riqueza material das joias da Coroa, mas também os contextos históricos, simbólicos e artísticos em que estes objetos foram criados e utilizados.

A coleção inclui peças icónicas como coroas, parures, ordens honoríficas, moedas de ouro e prata, objetos litúrgicos, presentes diplomáticos e encomendas de grandes ourives europeus. Em conjunto, refletem as ligações da monarquia portuguesa a outras casas reais e o papel de Portugal nas redes globais de comércio, especialmente durante o período colonial.

Para além do seu valor estético e histórico, o museu constitui também um testemunho da relação duradoura entre poder, prestígio e património — convidando o público a refletir sobre a construção da identidade nacional através do esplendor e simbolismo das joias reais.

As joias da Coroa portuguesa têm uma história fascinante que remonta ao período monárquico. Ao longo dos séculos, simbolizaram não apenas o poder e a riqueza da Coroa, mas também desempenharam papéis importantes em cerimónias, na diplomacia e como símbolos de identidade nacional.

A coleção inclui peças preciosas como coroas, tiaras, colares, broches e outros ornamentos reais. Entre as mais conhecidas destaca-se a Coroa Real de Portugal, utilizada em diversas ocasiões cerimoniais pelos monarcas portugueses, símbolo máximo do poder régio e adornada com pedras preciosas que refletem o esplendor da realeza.

Além desta, destacam-se também peças como o Colar da Ordem de Sant'Iago da Espada e a Coroa da Rainha Santa Isabel. Cada uma destas joias possui não só enorme valor material, mas também histórias e tradições que ligam o presente ao passado glorioso de Portugal.Ao longo da história, as joias foram frequentemente adaptadas ao gosto e às necessidades dos reis e rainhas que as utilizaram, testemunhando momentos decisivos — desde a Era dos Descobrimentos até à época contemporânea. Após a implantação da República, em 1910, foram transferidas para o Palácio da Ajuda, onde hoje são cuidadosamente preservadas e expostas ao público.

Estas peças não são apenas exemplos da excelência da ourivesaria portuguesa, mas também um elo vivo com a história e identidade nacional.

O Palácio Nacional da Ajuda é, por si só, um marco histórico que testemunhou acontecimentos decisivos para Portugal e o Brasil, atravessando os reinados de Dom José I, Rainha Maria II e Dom Pedro II.

Após o terramoto de 1755, que destruiu o Palácio da Ribeira, Dom José I instalou a corte numa estrutura provisória de madeira conhecida como Real Barraca da Ajuda. Um incêndio em 1794 levou à construção do atual palácio, iniciada em 1796.

Em 1807, perante a ameaça de invasão por Napoleão Bonaparte, o príncipe regente Dom João VI decidiu transferir a corte para o Brasil. Em novembro desse ano, a família real partiu de Lisboa rumo ao Rio de Janeiro, sob proteção da marinha britânica.

No Brasil, a corte encontrou não só segurança, mas também vastos recursos naturais. Durante o período colonial, Portugal explorou ouro, diamantes e outras pedras preciosas, especialmente em regiões como Minas Gerais e Diamantina, além de produtos como açúcar, algodão, cacau e café, altamente valorizados na Europa.

Após a independência do Brasil em 1822, o trono português foi ocupado por Rainha Maria II, filha de Dom Pedro IV (também conhecido como Dom Pedro I). O Palácio da Ajuda voltou a assumir o papel de residência oficial e palco de cerimónias régias.

Décadas mais tarde, Dom Pedro II visitou Portugal entre 1871 e 1872, sendo recebido com honras no palácio. Esta visita simbolizou o reencontro das duas ramificações da Casa de Bragança — europeia e americana — reforçando os laços culturais e políticos entre Portugal e o Brasil.

Assim, o Palácio da Ajuda reúne na sua história três momentos decisivos: o auge do absolutismo, a transferência da corte para o Brasil com os seus tesouros e riquezas, e o reencontro diplomático com o imperador brasileiro — marcando um ciclo histórico que uniu Lisboa ao Rio de Janeiro.



The Corinthian Maid
Joseph Wright (1734 - 1797)
c. 1782-1784
Óleo sobre tela
106.3 x 130.8 cm
Paul Mellon Collection
1983.1.46

O mito de Dibutades

Segundo Plínio, o Velho, a filha de Dibutades terá desenhado a carvão o contorno da sombra do seu amado na parede, antes que ele partisse para a guerra. O seu pai, um oleiro de Corinto, preencheu essa silhueta com argila e cozeu-a, criando o primeiro relevo em escultura. Na obra de Joseph Wright of Derby, é possível observar como a luz se tornou fundamental na história do desenho e da escultura.



Plínio, o Velho, Livro XXXVII, Naturalis Historia
Plinii Secundi Naturalis historiae libri XXXVII
Pliny's Natural History
Naturalis historia di Plinio il Vecchio
(Venezia, Giovanni da Spira, 1469)

A Naturalis Historia (História Natural)

Escrita por Plínio, o Velho, no século I d.C. (c. 77 d.C.), é a maior enciclopédia que sobreviveu do Mundo Antigo. Composta por 37 livros, tinha como objetivo declarar "tudo o que se sabe sobre o mundo natural". Plínio descreve a utilização de óleos, corantes e folhas metálicas (foils) para melhorar a aparência das gemas. Estes tratamentos ainda hoje são utilizados.



De re metallica libri XII

Esta imagem mostra uma gravura em xilogravura do célebre tratado De Re Metallica (1556), escrito pelo cientista alemão Georgius Agricola.
Este seria o tipo de Forno usado para o tratamento de gemas no século XVI. O forno de Vidro do Século XVI era composto por uma estrutura de um forno cúpula para produção e manipulação, normalmente usado para o fabrico de vidro. Era uma prática antiga usada para alterar ou melhorar a cor e a claridade de minerais. Hoje em dia, a gemologia utiliza tratamentos muito mais avançados como irradiação, altas pressões e temperaturas como HPHT. Tudo depende do tipo de gema.

AGRICOLA, Georgius (1494-1555).
De re metallica libri XII.



"Papiro Grego de Estocolmo" (ou Papyrus Graecus Holmiensis)
Otto Lagercrantz, Papyrus Graecus Holmiensis (P. holm.): Receitas para Prata, Pedras e Púrpura

Proveniente de uma compilação datada de aproximadamente 200 a.C., este papiro egípcio reúne 75 receitas voltadas ao tratamento de pedras preciosas. Do total, dez procedimentos são destinados ao manuseio de pérolas, dos quais dois descrevem a ingestão do material por aves domésticas. Experimentos contemporâneos foram realizados, comprovando a eficácia de um desses métodos; as oito receitas restantes são discutidas sucintamente.
O tratado abrange ainda o tingimento de gemas por meio de 74 formulações para pérolas e minerais. Diversas dessas técnicas permanecem aplicáveis na gemologia moderna — a exemplo da microfratura superficial para melhor retenção de pigmentos. Em contrapartida, outros procedimentos, como as fórmulas históricas para clareamento e branqueamento de pérolas, tornaram-se obsoletos.

Primeira página das receitas de um dos dois livros mais antigos de alquimia grega (datado de c. 300 d.C.). Comumente chamado de "O Papiro de Estocolmo", "Papyrus Holmiensis" ou P. Holm., o número de inventário único deste papiro é Estocolmo, Biblioteca Real Dep. 45. Otto Lagercrantz, Papyrus Graecus Holmiensis (P. Holm.): Receitas para Prata, Pedras e Púrpura.

Comentário à Exposição "A Luz e a Forma na Cor" Por: Álvaro Pinto, Maria José Lourenço e Rui Agostinho

A criação artística é uma faceta da realização humana. Por um lado, a interiorização do belo evolui com os tempos que a Humanidade foi atravessando, mas, por outro, os materiais e as formas possíveis de usá-los provêm das tecnologias acessíveis à Arte. Isto fá-la ganhar novas expressões e combinações que em passados remotos nem poderiam ser sonhados.

É precisamente aqui que a Ciência encontra a Arte: na matéria que se transforma, nas ligações que se estabelecem, nos átomos que se combinam e nas propriedades que emergem dessa organização. Antes de ser cor, ela é matéria; antes de ser brilho, há uma interação entre matéria e luz; antes de ser forma, existe uma arquitetura molecular e atómica que a torna possível.

Na evolução temporal do Cosmos, uma pequena fração da energia primordial materializou-se em átomos leves que depois deram estrelas e galáxias mil espalhadas por todo o universo. No condensado das estrelas explosivas formou-se o ouro e a prata, o ferro e o níquel, o cobre e a platina, além duma miríade de todos os outros elementos que se cristalizaram em formas múltiplas nos planetas arrefecidos. A ciência da matéria começa, assim, muito antes de existir a própria Terra. Antes de existir a arte humana já o Universo desenhava. Os elementos que hoje reconhecemos numa pedra, numa joia, num pigmento ou numa obra de arte são testemunhos de uma história cósmica. As estrelas forjam a matéria-prima de tudo o que existe.

Mas são os planetas, como a Terra, que combinam esses elementos e geram uma extraordinária diversidade de cores, brilhos, durezas, transparências, texturas, geometrias e padrões, fazendo nascer os minerais que dão forma às rochas. A diversidade da matéria é, em grande medida, a poesia das ligações químicas, onde cada cristal é uma pequena obra inscrita pelas leis da Natureza.

Mas um cristal não é apenas uma forma geométrica exterior. É uma organização rigorosa de átomos, uma arquitetura invisível que determina muitas das suas propriedades visíveis. As formas são a expressão externa da organização interna da matéria. A cor de uma pedra preciosa, o seu brilho, a sua transparência ou mesmo a maneira como a luz nela se propaga dependem da sua estrutura atómica e eletrónica. Na matéria, como na Arte, a beleza exterior nasce muitas vezes de uma ordem que os nossos olhos não conseguem ver. Uns cristais mais nobres do que os outros, acabaram por ser usados nas artes finas e sensíveis, dando prestígio ao portador ou enaltecendo a elegância cobiçada da forma feminina. De coroas incrustadas com pedras preciosas, a braceletes ornadas a diamantes de carbono puro, a joalharia modela e transporta o objeto natural à beleza humana pretendida.

"A Luz e a Forma na Cor" apresenta-se como uma experiência sensorial e estética de grande pertinência, ao estabelecer um diálogo entre a arte contemporânea e a tradição da joalharia real portuguesa.
Nas obras apresentadas as formas abstratas em ouros e azuis, algumas delineadas com traços de chumbo maleável, outras mescladas de verdes e amarelos quase incandescentes, são reminiscências dum universo disforme, em evolução, tal como as cores fortes de carmim puxam pela nobreza do rubi ou da estrela rutilante no céu poente.

Na linguagem da ciência, nenhuma destas cores é verdadeiramente silenciosa ou perfeita. Cada pigmento, cada metal e cada material interage com a luz de uma forma particular, absorvendo determinadas radiações e devolvendo outras ao nosso olhar. O que chamamos cor é, portanto, também uma assinatura da matéria.

Nas obras expostas, as estruturas transientes em escarlate, salpicadas de formas flutuantes em contraluz, divagam pelas atmosferas de planetas lá longe imaginados. As tonalidades do felino escamoteado na floresta rica de vida, mergulhada em pinceladas de aguarelas evanescentes, constituem uma experiência sensorial que estimula o olhar e contrasta com os pretos e cinzentos que delineiam os olhos penetrantes que nos perseguem, ou a folhagem do voo em branco e ainda o 9 geométrico que preenche o espaço.

Os tons de safira ou lápis-lazúli que formam a base dum universo dimensional, na forma líquida ou suavemente esbatida, servem de contraponto a figuras humanas singelas, talvez Nobres ou mesmo Reais, culminando na fina transparência duma gota de água cristalizada profusamente iluminada.

Mas em qualquer momento dos Tempos passados, presente e futuros, a sublimação da arte plasmar-se-á sempre na assimilação da Forma e da Cor, que são transmitidas nos cambiantes da Luz que emana dos objetos estáticos. Faces, gumes, texturas e tecidos entrelaçados, folhas caídas, reflexos aguados, tudo isso chega na Luz até ao cérebro enfeitiçado.

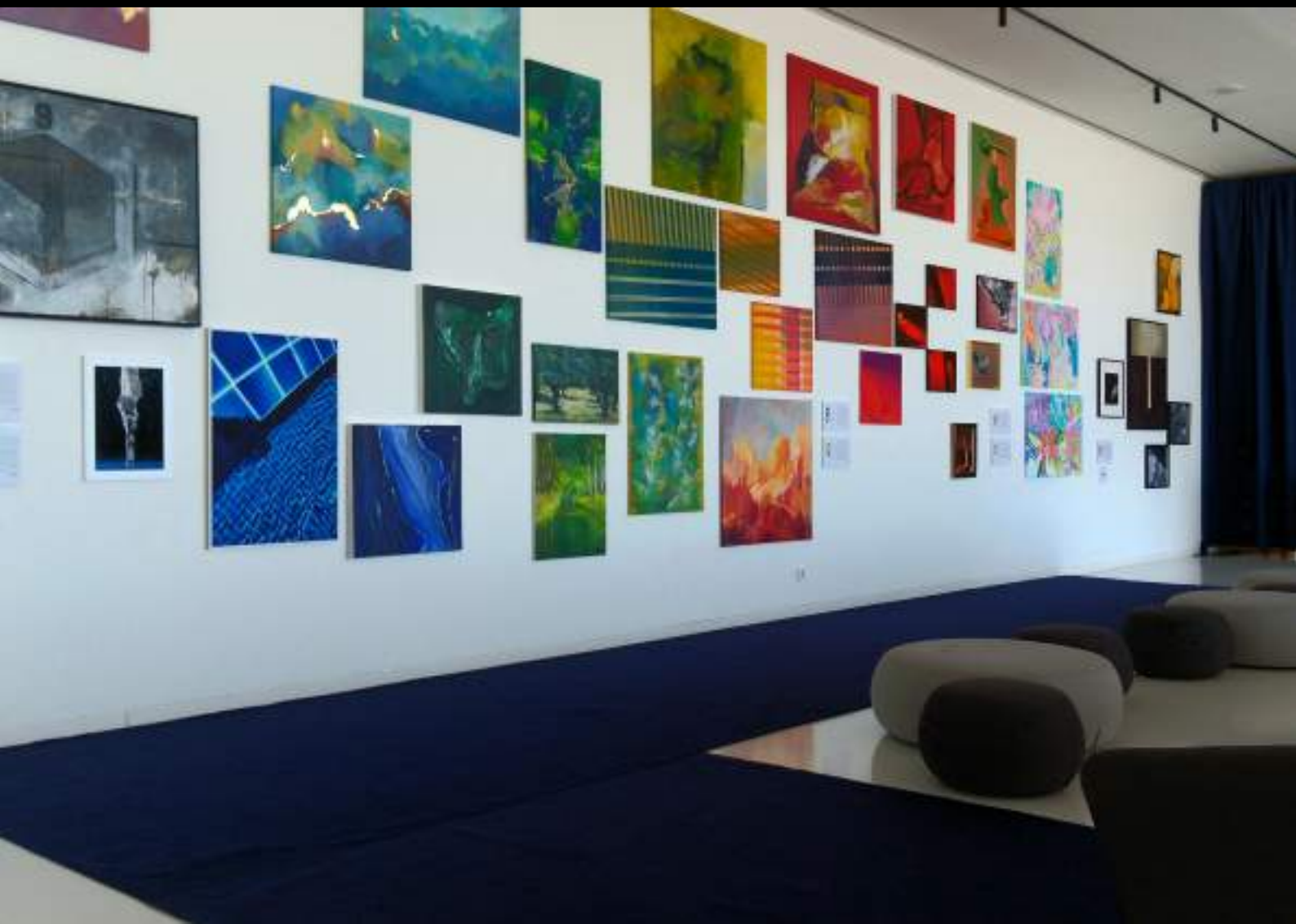
A ciência acrescenta um segredo a esta viagem: a luz que chega à retina transporta consigo informação sobre a matéria. Cada reflexo, cada absorção, cada transparência resulta de uma interação entre fotões e matéria. O olhar humano transforma essa informação física numa experiência estética. Entre o objeto e a emoção existe, portanto, uma extraordinária cadeia de fenómenos químicos e físicos.
Porém, vivemos inundados pela luz duma estrela com um máximo na cor verde e um gradiente negativo para os violetas e outro mais suave para os vermelhos. Temos uma retina a esta luz adaptada, que estimula no cérebro - o órgão que deveras vê - as cambiantes cromáticas que se apreciam e se exploram na Arte. Ao trocar a cor do Sol por outra qualquer, o cérebro presente sentir-se-ia excluído de tal realidade, mesmo indisposto sentindo-se mal, incomodado. Que estranho universo seria esse presente, mas que é explorado na nossa Arte.

A riqueza da Forma que é permitida nos elementos artísticos é um Reino inteiro quando comparado à singularidade da forma esférica que premeia todas as estrelas e planetas por aí espalhados, ou então à irregularidade das nebulosas e galáxias, algumas mais organizadas.
A ciência partilha com a Arte essa liberdade de combinar. Dos mesmos elementos podem nascer materiais completamente distintos, dependendo da forma como os átomos se ligam e se organizam. O carbono pode dar origem à transparência cristalina do diamante ou à estrutura opaca da grafite; os mesmos elementos, organizados de maneira diferente, podem contar histórias radicalmente distintas. Talvez seja esta uma das mais belas lições da matéria: não são apenas os seus constituintes que importam, mas a forma como se encontram. Tal como na Arte.

O uniforme é quase sempre pobre de histórias. O equilíbrio absoluto é imóvel, previsível, quase silencioso. A vida, a arte e a própria matéria também encontram beleza na anisotropia, no desequilíbrio ou na variação das simetrias, na vibração que rompe com o esperado. É neste desequilíbrio que a matéria ganha forma, cor, movimento e beleza, explorando novos mundos no espaço do belo.

A Arte explora na imaginação humana a Forma e a textura, os contrapontos luminosos ou os lados mais escuros, em tonalidades diferentes, bem ou mal iluminados, neste nosso micro-cosmos em torno do Sol formado. A Forma e a Cor revelam-se sempre na Luz, mas a textura também é sensorial, táctil. A estética sublima-se na Arte com a amálgama de propriedades que explora para atingir o Belo, e acaba por imbuir valor aos materiais por si utilizados.

A Arte permite-nos contemplar aquilo que vemos e sentimos. A criação artística vive do que a mente vê e antecipa o que será plasmado na obra por realizar. Isto é também, de alguma forma, a Ciência, porque ela procura a matéria por detrás da aparência, a estrutura por detrás da forma, a transformação por detrás da cor. A Ciência convida-nos a imaginar aquilo que nem vemos, mas, sabemos que existe, guia-nos a extrapolar ao desconhecido e a induzir até ao infinito. A Ciência é uma criação sublime com uma estética diferente.





1 - Rita Andrade apresenta uma abordagem figurativa focada nos olhos e na cor púrpura. Os olhos simbolizam aqui o próprio veículo da visão humana, o recetor absoluto sem o qual seria impossível à retina captar o jogo de luz e cor que rege esta exposição. Em paralelo, o tom púrpura confere à obra uma aura de exclusividade associada à realeza e ao clero, numa alusão direta à ametista. Esta gema, que hoje admiramos em grandes coleções históricas — como no acervo do Museu do Tesouro Real —, deteve durante séculos um estatuto de enorme preeminência na joalharia de corte e na insígnia eclesiástica. A ametista possui um pleocroísmo uma a capacidade de mostrar cores diferentes quando vista de ângulos distintos. Segundo, Rudolf Arnheim o olhar frontal e isolado cria uma força vetorial direta com o espetador: os olhos deixam de ser apenas anatomia biológica e passam a ser o centro puro da mensagem, agindo como um íman percetivo que exige uma resposta psicológica imediata. https://www.instagram.com/ritandrade_art/

2 - Maria Reis apresenta a obra "Ametista Real". Uma obra de cor violeta com a delicadeza prateada e iridescente da pérola. A composição traduz para a linguagem contemporânea a estética dos adereços particulares da Família Real — nomeadamente os conjuntos de toucador e joias do século XIX que combinavam pedras semipreciosas com fieiras de pérolas naturais e armações em prata. A obra destaca-se como uma reinterpretação artística requintada do colecionismo privado e do adorno pessoal. https://www.instagram.com/maria.oliveira.reis/

3 + 4 - As duas obras da artista **Adelaide de Freitas** ("A Deusa da Arte" e "A Rainha da Sardinha") são a personificação perfeita do que Arnheim estuda como o método egípcio e a orientação. Na pintura da artista, a Forma e a Cor convocam um território onde o mito, a imaginação e a exploração de realidades paralelas se fundem. Mais do que meras criações estéticas, a artista materializa personagens pictóricas de corte surrealista que parecem habitar outras dimensões e mundos paralelos ao nosso. No contexto desta exposição, a soberania destas personagens feitas de Luz e energia dialoga de forma fascinante com a joalharia dinástica do Museu do Tesouro Real. Se as insígnias e coroas de corte usavam o ouro e as pedras preciosas para materializar o poder absoluto e terreno dos homens, Adelaide de Freitas utiliza a Luz e a cor pura para coroar os seus próprios seres interdimensionais. https://www.instagram.com/adelaidefreitas.20/

5 - Na obra *Life Force*, de **Jessica Dunn** a vibração do pigmento violeta e da cor púrpura combinada com a folha de ouro cria uma tensão estética impossível de ignorar, associando a cor da realeza à exclusividade e raridade do metal precioso. O trabalho de Jéssica explora, desta forma, uma tradição ancestral. O uso da folha de ouro na arte remonta aos egípcios, mesopotâmicos, gregos e bizantinos, estendendo-se à Idade Média na iluminação de manuscritos (técnica conhecida como crisografia). A artista estabelece assim uma ponte conceptual entre a riqueza histórica e a arte contemporânea — evocando a memória do Museu do Tesouro Real e as pepitas de ouro do Brasil. Tal como Botticelli, Ticiano ou Gustav Klimt, Jéssica Dunn utiliza o ouro para transcender o ordinário. Ao combinar a raridade e o fascínio intrínsecos a este metal precioso com a sua linguagem abstrata e figurativa, a artista cria obras repletas de luz e beleza. https://www.instagram.com/jessicadunnartist/

1 - Rita Andrade
Olhos nos olhos
Acrílico e Pastel de Óleo s/ Tela
100 x 70 x 5 cm
Copyright - Rita Andrade

2 - Maria Reis
Ametista Real
Acrílico s/ Tela
60 x 60 x 5 cm
Copyright - Maria Reis

3 + 4 - Adelaide de Freitas
A Deusa da Arte; A Rainha da Sardinha
Acrílico s/ tela
90 x 70 x 5 cm
Copyright - Adelaide de Freitas

5 - Jessica Dunn
Life Force
Óleo s/ Tela e Folha de Ouro
90 x 90 x 2 cm
Copyright - Jessica Dunn

5



2



1



4



3







Rita Andrade é uma artista plástica e investigadora portuguesa cuja prática se caracteriza pelo diálogo entre o rigor técnico das artes visuais e o compromisso com causas político-sociais globais. Iniciou o seu percurso académico na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, onde se licenciou em Pintura em 2020, tendo complementado os seus estudos técnicos com um curso intensivo de Fundamentos do Desenho na Barcelona Academy of Art, em Espanha. Movida pelo interesse no impacto social da arte, mudou-se para o Reino Unido para frequentar o Mestrado em Arte e Política na Goldsmiths, University of London. A sua dissertação final prática, focada em como a arte e a educação podem transformar a vida das crianças nas Honduras, foi o resultado de um minucioso trabalho de campo no terreno e acabou distinguida com a nota máxima da instituição.

Apesar de se encontrar numa fase jovem da sua carreira, a artista conquistou já uma forte projeção pública e o reconhecimento de altas instâncias internacionais. Em 2017, pintou o retrato do fiscalista Henrique Medina Carreira — encomendado pelo Fórum da Competitividade e entregue oficialmente pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, na Fundação Calouste Gulbenkian — e, no ano seguinte, assinou os retratos oficiais do Emir do Qatar, o Xeque Tamim bin Hamad Al-Thani, e do seu pai. Paralelamente à criação em atelier, o seu pensamento crítico levou-a a ser oradora convidada na Universidade de Okayama, no Japão, num painel dedicado às lideranças da próxima geração mundial e à resolução de problemas globais. O impacto do seu percurso e a sua crescente relevância no panorama cultural foram publicamente consagrados com a atribuição do prémio de Melhor Artista do Ano nos New in Town (NiT) Awards.
https://www.instagram.com/ritandrade_art/

Adelaide de Freitas, uma prestigiada artista contemporânea, nasceu na Ilha da Madeira e reside atualmente em Lisboa, cidade para onde se mudou há alguns anos. É uma criadora multifacetada, reconhecida não só como pintora, mas também como fotógrafa artística e poeta. A sua obra encontra-se representada em inúmeras coleções, destacando-se, em particular, a Fundação Berardo. Desde 1995 que apresenta o seu trabalho tanto em Portugal como a nível internacional. https://www.instagram.com/adelaidefreitas.20/



6 + 9 - Jessica Dunn apresenta um conjunto de duas obras que navegam na fronteira entre o figurativo e o abstrato. Através de uma fusão harmoniosa de tons quentes e frios interligados com folha de ouro, a artista constrói uma linguagem visual marcante. A paleta de cores — dominada por azuis marinho, turquesa, cobalto e celeste — confere às telas uma profundidade envolvente. Em obras como "*Along the Way*" e "*Resonate*", o contraste entre estes pigmentos azuis e a folha de ouro estabelece um diálogo inovador entre a exuberância do ouro e a serenidade da cor. O trabalho de Jéssica explora, desta forma, uma tradição ancestral. O uso da folha de ouro na arte remonta aos egípcios, mesopotâmicos, gregos e bizantinos, estendendo-se à Idade Média na iluminação de manuscritos (técnica conhecida como crisografia). A artista estabelece assim uma ponte conceptual entre a riqueza histórica e a arte contemporânea — evocando a memória do Museu do Tesouro Real e as pepitas de ouro do Brasil. Tal como Botticelli, Ticiano ou Gustav Klimt, Jéssica Dunn utiliza o ouro para transcender o ordinário. Ao combinar a raridade e o fascínio intrínsecos a este metal precioso com a sua linguagem abstrata e figurativa, a artista cria obras repletas de luz e beleza. https://www.instagram.com/jessicadunnartist/

7 - Na obra "9", um cubo começa a desfazer-se em tons escuros, acinzentados e linhas pretas. A artista **Mónica de Morais**, remete-nos para o sistema cristalino cúbico (ou isométrico). Trata-se da estrutura interna de gemas altamente simétricas e valiosas, evocando aqui um diamante em desconstrução, a desaparecer. Sabendo que, na estrutura do diamante, cada átomo de carbono está ligado covalentemente a outros quatro átomos de carbono dispostos nos vértices de um tetraedro regular, a artista subverte esta rigidez científica com o número "9". A artista utiliza assim a Forma de Distorção ou Deformação (Deformation) descrita por Arnheim, subvertendo a rigidez geométrica da estrutura atómica do diamante com o misticismo do número que a titula. https://www.instagram.com/monica_de_morais_artist/

8 - Nesta obra de **Maria João Vale** "A Piscina" podemos encontrar uma metáfora visual para os fenómenos óticos descritos na gemologia. Neste caso, embora o objeto retratado seja distinto de uma pedra preciosa, a forma como interage com a luz ilustra com precisão científica os conceitos de Brilho, Cintilação e Refração. Os reflexos ondulantes da água da obra "A Piscina" funcionam exatamente como o brilho e a cintilação de uma safira lapidada. Quando a luz entra numa gema através das suas facetas, ela sofre refração e reflexão interna total. O que vemos na água é uma projeção macroscópica desse fenómeno: a luz a ser dobrada, concentrada e dispersa, criando linhas de energia pura que dão "vida" à matéria escura. https://www.instagram.com/mariajoaovale/

10 - Cristina Albaker constrói a sua narrativa através de um místico jogo de claros-escuros. A sua criação, "Briolette", que mimetiza a delicadeza e a volumetria de um pendente de alta joalharia, estabelece um diálogo direto com uma das peças mais ricas em memória do acervo: o Alfinete de peito com Pérolas, uma peça histórica, oferecida pelo rei Vítor Manuel II à sua filha, D. Maria Pia, aquando do seu casamento com o rei D. Luís, em 1862. Através desta interpretação contemporânea, a artista realça o brilho e a elegância da joia, unindo património e criação atual. https://www.instagram.com/photograarte/

11 - A obra "Azul Profundo" de **Maria Reis** em tons de azul, violeta e prateado, remete-nos de imediato à intensidade da safira. A peça estabelece uma relação direta com a icónica Tiara de D. Maria II, em exibição neste Museu. Composta por 1415 diamantes e cinco safiras birmanesas, é a tiara mais antiga conhecida com ligação direta a uma soberana portuguesa. O fluxo pictórico da tela evoca não só o pleocroísmo da gema, mas também a combinação histórica entre o azul e o branco, que simbolizavam a monarquia liberal. https://www.instagram.com/maria.oliveira.reis/

6 + 9 - Jessica Dunn
Along The Way, Resonate
Óleo s/ Tela e Folha de Ouro
70 x 70 x 2cm, 90 x 90 x 2cm
Copyright - Jessica Dunn

7 - Mónica de Morais
9
Acrílico s/ Tela
81 x 115 x 5 cm
Copyright - Mónica de Morais

8 - Maria João Vale
A Piscina
Fotografia impressa s/ papel Hahnemuhle Studio Enhanced Matte 210gsm
90 x 60 x 6 cm
Copyright - Maria João Vale

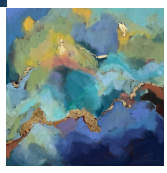
10 - Cristina Albaker
Briolette
Fotografia com impressão em Papel Hahnemühle
41 x 28 x 3 cm (com Moldura)
Copyright - Cristina Albaker

11 - Maria Reis
Azul Profundo
Acrílico s/ Tela
60 x 60 x 5 cm
Copyright - Maria Reis

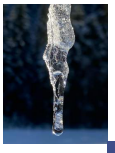
6



9



10



11

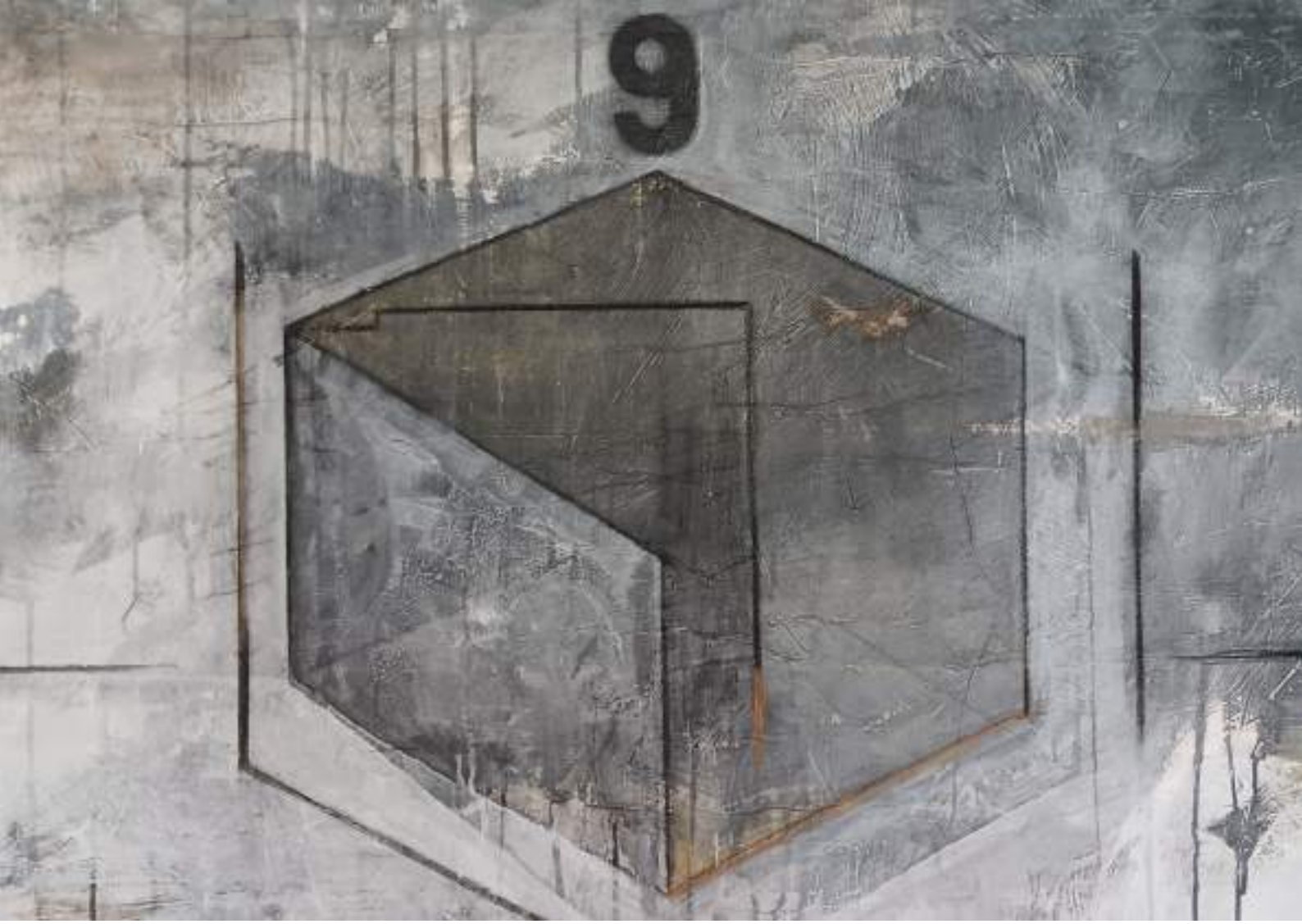


7



8





Mónica de Morais vive e trabalha em Cascais, Portugal. Autora de uma obra multifacetada que se centra na pintura, no desenho e na gravura, os seus trabalhos mais recentes abordam temáticas de reflexão humanitária e espiritual. Iniciou a sua formação na Sociedade Nacional de Belas Artes (1992-1997) e estudou gravura no Atelier Paiva Raposo. Desde então, tem integrado regularmente exposições individuais e coletivas em Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Itália e China. No seu percurso internacional, destaca-se a sua participação com obras de gravura em bienais internacionais em Kanagawa (Japão), Taipé e Formosa. O seu talento e mérito artístico estão patentes em prestigiadas coleções e instituições mundiais, encontrand-se representada no Florean Museum of Contemporary Art (Baia Mare, Roménia), no Luo Qi Modern Art Museum (Hangzhou e Qingtian, China), na Eileen S. Kaminsky Family Foundation (Nova Iorque, EUA) e na House of Arts / Hangar-7 (Salisburgo, Áustria), além de figurar em diversas coleções particulares. https://www.instagram.com/monica_de_morais_artist/



O trabalho de **Maria João Vale** tem colhido um amplo reconhecimento. Desde 2015 que apresenta o seu trabalho em inúmeras exposições individuais e coletivas em Lisboa, incluindo espaços de prestígio como o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, a Sociedade Nacional de Belas Artes, a Xuventude de Galicia, o Centro Galego e a Galeria Monumental. Através destas exposições, a artista tem cativado o público com as suas imagens evocativas, oferecendo uma perspetiva única sobre o mundo através da lente da sua câmara. Para a fotógrafa, esta disciplina é mais do que uma mera competência técnica — é um meio através do qual pode explorar, experimentar e criar no domínio da sua investigação pessoal. A sua filosofia artística está enraizada numa profunda apreciação pelas diversas possibilidades que a fotografia oferece, permitindo-lhe desafiar as fronteiras da prática fotográfica tradicional e expandir os limites da sua expressão criativa.https://www.instagram.com/mariajoaovale/





Cristina Albaker nasceu em Lisboa, Portugal. É reconhecida pelas suas pinturas abstratas de paisagens, que carregam uma impressão onírica subjacente à forma como a artista perceciona a majestade da natureza que envolve a sua realidade. Estas paisagens servem como um modelo para refletir sobre os nossos ecossistemas e sobre a beleza natural, funcionando simultaneamente como um veículo para amplificar a preocupação com a proteção do meio ambiente. Em 2003, licenciou-se pelo IADE - Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação (Universidade Europeia), em Lisboa. https://www.instagram.com/photograaarte/





Maria Reis é uma artista plástica e médica portuguesa cuja vida e percurso são definidos por uma dupla vocação, equilibrando a precisão da ciência com a liberdade emocional das belas-artes. Nascida em Lisboa, seguiu a carreira de Medicina enquanto cultivava um profundo gosto pela poesia e pela pintura. De forma a aprofundar e aperfeiçoar a sua vertente artística, concluiu a sua formação em Pintura na prestigiada Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA), em Lisboa. A sua produção artística funciona como uma extensão do seu mundo interior, caracterizada por um gesto livre, cores vibrantes e uma forte musicalidade poética. Nas suas obras figurativas, debruça-se frequentemente sobre a figura feminina, recorrendo a uma paleta cromática intensa para evidenciar a força, o encanto e as emoções da mulher. Já nas suas composições abstratas, explora o movimento e os tons vermelhos, criando uma simbiose entre a emoção, a energia e a maternidade. Para a artista, a criação é um processo vivo, alinhado com a sua filosofia de que a arte é "mais que uma paixão, uma forma de viver". Iniciou o seu percurso de exposições públicas em 2007. Desde então, o seu trabalho ganhou projeção internacional, estando representada em galerias e feiras de arte na Europa, Ásia e Américas — com passagens por cidades como Madrid, Bruxelas, Seul, Nova Iorque, Miami, Dublin e Edimburgo. https://www.instagram.com/maria.oliveira.reis/



Jessica Dunn é uma artista britânica radicada em Portugal. Nascida em Londres numa família com raízes no teatro e na televisão (é filha da atriz Priscilla Morgan e do ator de comédia Clive Dunn). Embora a carreira dos seus pais tenha sido no mundo do espetáculo, Jessica seguiu o seu próprio caminho criativo nas artes visuais. Completou a sua formação base (Art Foundation) na Universidade de Kingston, em Londres, antes de se mudar para o Algarve com a sua família. Foi aí que estabeleceu o seu estúdio nas colinas de Boliqueime, onde pinta a tempo inteiro, trabalhando predominantemente a óleo. O seu trabalho é profundamente inspirado pela beleza natural do que a rodeia — a paisagem algarvia e a sua luminosa luz do sul. Cada pintura reflete, simultaneamente, uma ligação profunda ao lugar e um processo criativo intuitivo e pessoal. Jessica expõe regularmente no Reino Unido e em Portugal. As suas obras integram as coleção do museu da Guarda. https://www.instagram.com/jessicadunnartist/

12 - A obra "Enigma" de **Maria Reis** mergulha na tonalidade da esmeralda. O verde-escuro e as suas formas orgânicas desconstruídas recordam o laço do corpete de esmeraldas da Coleção Real, reconfigurado aqui como matéria de memória ou sonho. Há uma dualidade intencional na pintura: evoca simultaneamente a estrutura de uma armadura e a fragilidade do corpo feminino. É a peça mais íntima e misteriosa da série — explora a anatomia enquanto joia. https://www.instagram.com/maria.oliveira.reis/

13 - Criada ao som da banda Tim Freitag, a obra em tons esmeralda *"Underwater"* de **Daniel Schär** exibe linhas que evocam as fraturas internas desta gema. Apesar da sua elevada dureza na escala de Mohs (7.5 a 8), a esmeralda possui uma tenacidade fraca devido a tensões estruturais brutas, o que a torna notoriamente frágil ao toque e à cravação — uma delicadeza visível nas impressionantes insígnias do Museu. Por outro lado, este verde denso assemelha-se também ao de um raríssimo diamante verde. Ao contrário da esmeralda, este diamante deve a sua cor a um processo extremo: a exposição prolongada à radiação natural nas profundezas da Terra, fenómeno geológico imortalizado pelo célebre *Dresden Green*. https://www.instagram.com/schaer.daniel/

14 - A obra "Ilhas" de **Ana Gonçalves** estabelece uma das pontes cromáticas e estruturais mais fascinantes da exposição, operando precisamente na fronteira onde a Forma e a Cor deixam de ser estáticas e passam a ser ditadas pela Luz. A sua composição apresenta uma transição fluida que transita entre os densos tons azuis do esmalte — que encontramos na imponência histórica da Placa da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa — e o verde profundo e magnético das esmeraldas, visível na Medalha das Três Ordens Militares. No eixo da Cor, esta passagem do azul para o verde assemelha-se ao fenómeno gemológico do pleocroísmo ou da labradorescência, onde a matéria parece conter múltiplas formas cromáticas que se revelam consoante o movimento do observador. O azul do esmalte representa a cor fundida na superfície, o reflexo vítreo e controlado da luz sobre o plano. Já o verde emulado transporta-nos para o comportamento da luz no interior de uma esmeralda: uma cor que não é superficial, mas que nasce das profundezas da gema, filtrada pelas suas inclusões naturais que fragmentam a luz e conferem à gema a sua textura.

15 + 17 - Na obra de **RVieira,** o verde da natureza funde-se com a nobreza mineral da esmeralda. Ao capturar uma paisagem onde a luz incide diretamente sobre a vegetação, a artista transfigura o espaço, desdobrando-o em infinitas tonalidades esverdeadas. Esta conexão evoca, de forma quase mística, o próprio "jardim das esmeraldas" — o nome técnico dado às inclusões internas da gema que mimetizam a vida botânica —, provando que a luz, ao tocar a matéria, tem o poder de transformar paisagem em joia. A cor verde nas plantas vem da clorofila, que absorve a luz solar para gerar vida. Nas esmeraldas, o verde nasce da absorção da luz por vestígios de crómio e vanádio. A artista, ao pintar a luz a incidir na vegetação, está a replicar o exato milagre ótico que a Terra faz para colorir a gema. Já no século I, o filósofo Plínio, o Velho (o mesmo do mito da pintura) escrevia Livro XXXVII (o 37.º volume), que é dedicado inteiramente às pedras preciosas e à gemologia - "Nenhuma cor é mais agradável aos olhos. Pois, enquanto observamos outras gemas e ervas, cansamo-nos, mas a esmeralda, ao olharmos para ela, refresca a nossa visão e fatiga-se com a sua contemplação; e os gravadores de pedras preciosas, ao trabalharem nelas, não têm meio melhor de repousar a vista do que fixando o olhar nesta pedra." Plínio, o Velho.

16 - Carol Welsch investiga a perceção da cor quando esta se sobrepõe, filtra e cruza com outros planos cromáticos. Ao explorar as dinâmicas de luz e sombra em "*Gradient a la fresca*" e "*Trama en transició*", a artista constrói um jogo ótico rigoroso, no qual linhas estruturadas se articulam sobre fundos difusos e atmosféricos. Welsch recupera assim, de forma conceptual, o gesto primevo de Dibutades, desmaterializando-o: em vez de contornar uma silhueta figurativa, pinta a própria interferência e projeção da luz na tela. https://www.instagram.com/carolw.art/

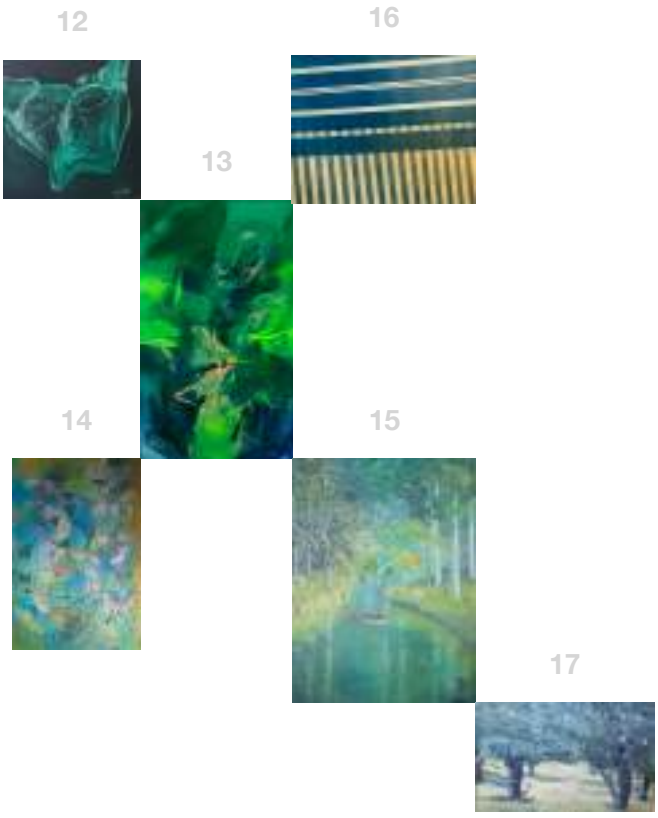
12 - Maria Reis
Enigma
Acrílico s/ Tela
60 x 60 x 5 cm
Copyright - Maria Reis

13 - Daniel Schär
Underwater
Óleo s/ Tela, 100 x 60 x 3 cm, Original
Copyright - Daniel Schär

14 - Ana Gonçalves
Ilhas
Misto s/ Tela
60 x 90 x 4 cm
Copyright - Ana Gonçalves

15 + 17 - RVieira
Bosque da Normandia, Bosque do Rio Frio (Espanha)
Óleo s/ Tela
64 x 50 x 5 cm, 40 x 60 x 5 cm
Copyright - RVieira

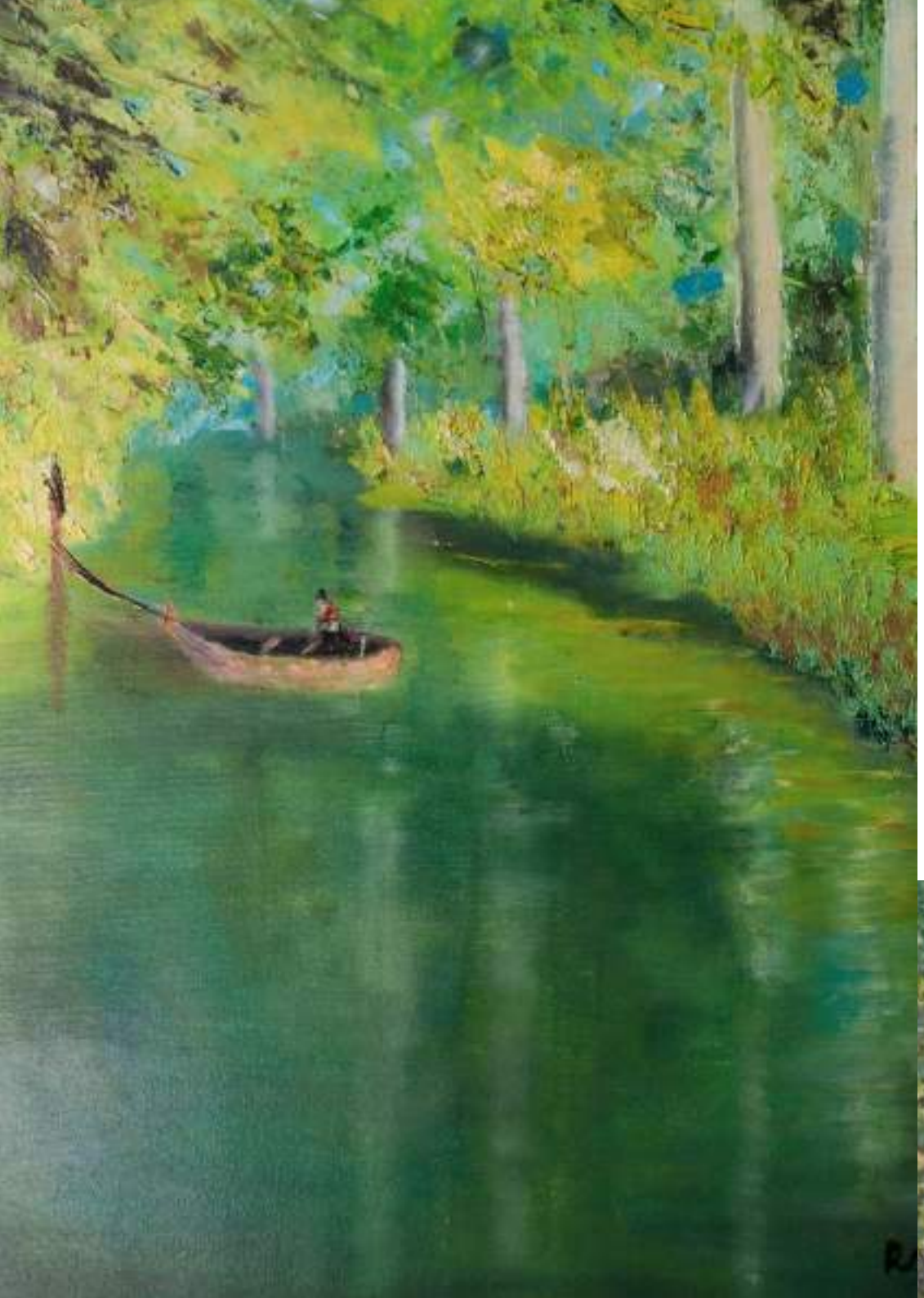
16 - Carol Welsch
Gradient a la fresca
Acrílico s/ Tela
71 x 89 x 5 cm
Copyright - Carol Welsch





Daniel Schär, artista visual e pintor abstrato suíço nascido em 1956, é internacionalmente reconhecido pela harmonia cromática e pela força dinâmica das suas composições, que irradiam vitalidade, energia e alegria de viver ao explorar os campos de tensão entre a existência e o desaparecimento. A grande imagem de marca do seu percurso é a fusão profunda e indissociável entre a pintura e a música, uma paixão de infância que o levou a encarar a tela não como um objeto estático, mas sim como uma extensão do som e do ritmo; através de uma técnica própria batizada de "Color Kitchen" (Cozinha das Cores), Schär mistura pigmentos vindos de várias partes do mundo no seu estúdio em Bellmund, permitindo que a atmosfera sonora guie intuitivamente os movimentos do seu pincel. Este método deu origem a projetos monumentais, como a criação de uma obra abstrata para cada uma das 200 cantatas sacras de Johann Sebastian Bach — uma meta desenvolvida entre 1991 e 2001 —, além de centenas de telas inspiradas na música clássica de Chopin e Arvo Pärt, no Jazz de Chico Freeman e no Rock clássico dos anos 70, prestando homenagem direta a temas icónicos de bandas como Fleetwood Mac e Pink Floyd. Com uma carreira internacional sólida e representado por plataformas de prestígio como a USIA (United State of International Artists), o pintor já expôs as suas obras em importantes feiras e galerias globais, abrangendo a Europa (como na Suíça, Áustria, Bélgica, na Embaixada da Alemanha em Londres e em eventos paralelos na Bienal de Veneza), os Estados Unidos (na Rimonim Art Gallery em Miami) e a Ásia (com destaque para as feiras de arte de Xangai, Pequim e Seul), consolidando uma linguagem onde as cores — especialmente o vermelho, que o artista associa ao dinamismo, ao sangue, ao fogo e à purificação — atuam como espaços internos psicológicos que rompem as fronteiras da perceção visual tradicional. https://www.instagram.com/schaer.daniel/



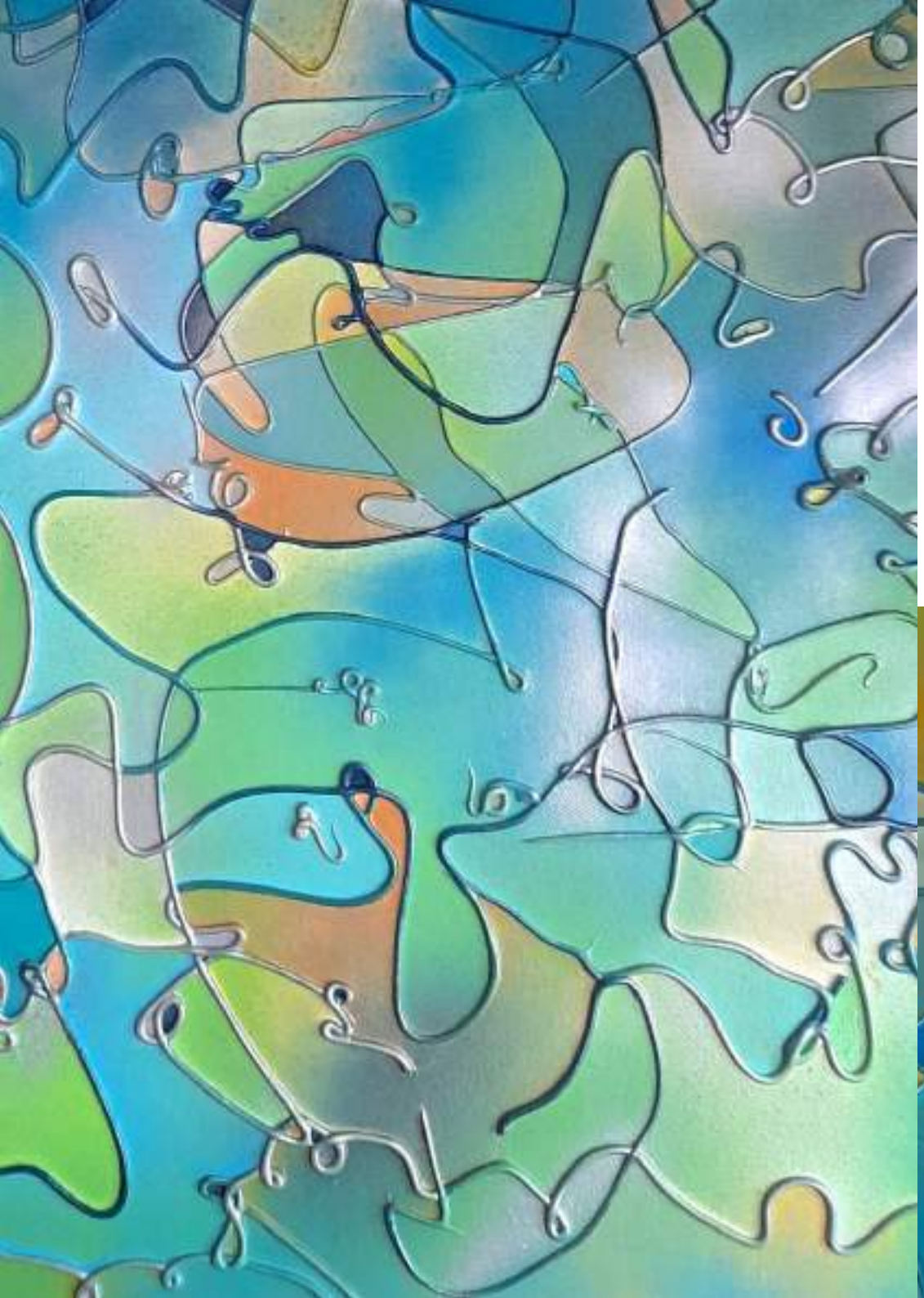


RVieira, nascida em 1951 em Alcobaça, Portugal, vive e desenvolve o seu trabalho artístico em Coimbra. Conciliando ao longo da vida a sua atividade no setor da enfermagem com a dedicação às artes plásticas, realizou a sua formação em cerâmica e pintura na Escola Universitária das Artes de Coimbra (EUAC). A sua prática artística estende-se por diversas disciplinas, abrangendo a escultura, as instalações, a cerâmica, a pintura, o mobiliário artístico e a conservação. Ao longo do seu percurso, enriqueceu a sua linguagem visual ao estudar e colaborar com artistas de relevo como Isabel Azevedo, António Melo, Vítor Matias e João Dixo, sendo atualmente membro da SNBA – Sociedade Nacional de Belas Artes.





Carol Welsch nasceu e vive em Barcelona. Formada em design gráfico pela escola Elisava de Barcelona, centrou a sua carreira profissional no design gráfico, especializando-se em branding, comunicação corporativa e paginação editorial. Após vinte anos a dirigir o seu próprio estúdio de design, licenciou-se em História da Arte pela Universidade de Barcelona, com o único propósito de compreender a razão da sua fascinação pela arte. Sempre ligada à criatividade artística, os seus jogos de infância giravam em torno de cores e formas, sendo os pincéis e as folhas de linóleo os seus favoritos. Esta necessidade de explorar diferentes técnicas artísticas proporcionou-lhe uma grande variedade de caminhos criativos, levando-a, em última análise, a focar-se na gravura. A sua vasta gama de disciplinas permite-lhe trabalhar a sua própria imagética gráfica a partir de diferentes pontos de partida — mas desta vez, sem a necessidade de cumprir um objetivo específico e puramente pelo prazer criativo. https://www.instagram.com/carolw.art/



Ana Gonçalves é uma artista contemporânea portuguesa com um percurso internacional firmado, tendo já exposto as suas obras em países como Portugal, Qatar, Espanha e Itália. A sua assinatura artística destaca-se pela criação de obras que canalizam e transmitem as energias positivas do espaço e da terra, convidando o público a uma experiência visual harmoniosa e vibrante.



18 - Na obra *"What becomes clear"* de **Daniel Schär,** o amarelo vibrante colide com massas escuras num campo cromático que evoca o peridoto. Esta é uma gema idiocromática, o que significa que a sua cor verde-oliva nasce da sua própria composição rica em ferro, e não de impurezas externas. Denominado "gema do sol" no Antigo Egito e favorito de Cleópatra, o peridoto atingiu o seu apogeu na arte sacra europeia, brilhando em peças monumentais como o relicário do Santuário dos Três Reis Magos, na Catedral de Colónia. https://www.instagram.com/schaer.daniel/

19 + 20 + 21 - Carol Welsch investiga a perceção da cor quando esta se sobrepõe, filtra e cruza com outros planos cromáticos. Ao explorar as dinâmicas de luz e sombra em *"Trama en transició"*, a artista constrói um jogo ótico rigoroso, no qual linhas estruturadas se articulam sobre fundos difusos e atmosféricos. Welsch recupera assim, de forma conceptual, o gesto primevo de Dibutades, desmaterializando-o: em vez de contornar uma silhueta figurativa, pinta a própria interferência e projeção da luz na tela.

Na obra *"Llum d'estiu"*, a paleta eleva-se a tons incandescentes e solares. A peça traduz a memória de um dia de verão mediterrânico, evocando a vivacidade cromática dos objetos balneares e a frescura do litoral no sul de Espanha. A sua técnica pictórica, próxima da tecelagem, constrói uma quadrícula que remete para os padrões de tecidos e lonas esticadas, convertendo a memória sensorial da paisagem numa abstração geométrica vibrante. Por outro lado, em *"Entre els arbres"*, a composição articula a transição entre cores quentes (amarelos) e frias (verdes-oliva). A obra conduz-nos a um passeio sob a copa das árvores, capturando a brisa entre a folhagem ao evocar o conceito japonês de *Komorebi* — o efeito poético da luz solar filtrada pelos ramos e pelas folhas. Os artistas japoneses Hiroshige e Hokusai também usaram este efeito poético nas suas obras. Na gemologia, este fenómeno encontra o seu reflexo perfeito no zoneamento de cor característico das turmalinas policromáticas (amarelas e verdes). Do ponto de vista mineralógico, o amarelo nas gemas surge por diferentes processos cromóforos — desde a presença de azoto (nitrogénio) nos diamantes amarelos até à composição do raríssimo Topázio Imperial e dos crisoberilos. Na coleção do Museu do Tesouro Real, em Lisboa, esta luminosidade dourada sobressai em peças históricas de grande relevo, como as presilhas e insígnias cravadas com diamantes amarelos e topázios do Brasil.

A cor amarela assume nesta exposição um protagonismo central, destacando-se de forma fulcral no trabalho de Carol Welsch. Trata-se de uma cor ancestral, na antiguidade era extraída sobretudo do orpimento — um mineral de sulfureto de arsénio de tom amarelo-dourado vibrante, altamente tóxico e amplamente utilizado no passado como pigmento. O seu nome deriva do latim *auripigmentum* ("pigmento de ouro"). Plínio, o Velho, descrevia-o como tal, notando que o seu brilho característico alimentou a crença de que o mineral contivesse ouro de facto, além de mencionar o seu uso paradoxal em pomadas medicinais, apesar dos seus conhecidos efeitos corrosivos. Ao longo da História da Arte, o amarelo assumiu papéis decisivos: para Giotto di Bondone, funcionava como o centro gravitacional que atraía o olhar do espectador; Vermeer combinava diversos tons e pigmentos para capturar a luz solar filtrada através de subtis ilusões óticas; e Turner, na sua reflexão sobre *Luz e Cor (A Teoria de Goethe)*, via o amarelo como a fonte primordial de luz e força, situando-o no topo da sua tríade cromática (seguido pelo vermelho e pelo azul). Para Kandinsky, cor e som estavam intrinsecamente ligados através do fenómeno da sinestesia. Na sua célebre obra *Impression III (Concert)* (1911), o amarelo surge em resposta direta à música atonal de Arnold Schoenberg. Em vez da luz solar filtrada que encontramos em *Entre els arbres*, o amarelo expressa aqui a própria ressonância da música a expandir-se no ar como uma onda vibrante. No seu ensaio *Do Espiritual na Arte* (1911), Kandinsky associaria o amarelo ao som dos instrumentos de sopro agudos. Posteriormente, Paul Klee e Josef Albers aprofundariam o estudo do amarelo e das suas interações cromáticas — demonstrando como este altera e influencia o vermelho e as cores vizinhas, uma dinâmica de contágio e vibração que ecoa vividamente na estrutura de *Llum d'estiu*. https://www.instagram.com/carolw.art/

22 + 23 - A obra *"The Mighty Pele"*, de **Barahona Possollo**, atua como um portal para a geodinâmica terrestre, estabelecendo um diálogo fascinante com a génese da alta joalharia do Museu do Tesouro Real. Numa abordagem mais abstrata, a obra *"Bravio"*, de **Jessica Dunn**, ecoa a mesma energia vulcânica. O vulcanismo, patente nas duas obras, evoca os processos explosivos que, a mais de 150 km de profundidade, arrancaram os diamantes ao manto terrestre. Magmas raros — kimberlitos e lamproítos — funcionaram como autênticos elevadores supersónicos, transportando estas gemas de carbono e os seus xenólitos para a superfície numa fração de tempo, impedindo a sua conversão em grafite. Contudo, impõe-se uma distinção temporal profunda. O grande ciclo dos diamantes cristalizou no tempo há cerca de 2,5 mil milhões de anos, no seio de cratões profundos e estáveis, antes de a erosão os semear por rios e mares. Em contraste, o motor tectónico e termal do nosso planeta permanece incansável. Se a forja dos diamantes repousa no passado profundo, a génese de muitas outras gemas está a acontecer exatamente no instante em que lê estas palavras, mas a profundidades muito menores, nos 5 a 30 km da crosta terrestre. https://www.instagram.com/barahonapossolo/ https://www.instagram.com/jessicadunnartist/

18 - Daniel Schär
What Becomes Clear;
100 x 100 x 3 cm,
Acrílico s/ tela
Copyright - Daniel Schär

19 + 20 + 21 - Carol Welsch
Entre els arbres, Llum d´estiu, Trama en transició
Acrílico s/ tela
47 x 56,7 x 5 cm; 53 x 61 x 5 cm; 71 x 89 x 5 cm
Copyright - Carol Welsch

22 - Jessica Dunn
Bravio
Óleo s/ Tela e Folha de Ouro
90 x 90 x 2 cm
Copyright - Jessica Dunn

23 - Barahona Possolo
The Mighty Pele
Óleo s/ Tela
33 x 24 x 4 cm (com moldura)
Coleção Privada
Copyright - Barahona Possolo

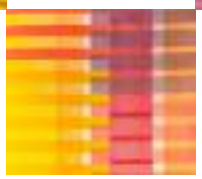
18



19



20



21



22



23



Barahona Possolo (Lisboa, 1967) é um dos mais conceituados e singulares pintores contemporâneos portugueses, amplamente reconhecido pela sua mestria técnica invulgar. Licenciado em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, o seu estilo funde o rigor do desenho clássico e o dramatismo do chiaroscuro barroco com uma sensibilidade marcadamente moderna, assente no realismo mágico, no surrealismo e no erotismo.A sua obra explora frequentemente a anatomia humana, a mitologia e a reinterpretação de iconografias religiosas com uma subtil carga provocatória e irónica. Entre os seus maiores marcos públicos destaca-se a autoria do retrato oficial do ex-Presidente da República Portuguesa, Aníbal Cavaco Silva (2016), exposto no Palácio de Belém, bem como várias colaborações artísticas de relevo para os CTT. As suas obras encontram-se em coleções privadas em Portugal, Espanha, França, Suíça, Itália — destacando-se, entre as várias existentes neste país, a do Príncipe Jonathan Doria-Pamphilj —, Países Baixos, Reino Unido, EUA e Argentina. Está também representado em coleções públicas, tais como o Vaticano (IOR), a Casa Branca, o Banco de Portugal, o Museu Português das Comunicações, o Museu de Setúbal e a UCCLA (União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa). https://www.instagram.com/barahonapossolo/



24 - Na obra em tons vermelhos, intitulada *"Litany"* de **Daniel Schär** — inspirada, segundo o artista, no compositor Arvo Pärt —, somos envolvidos por uma massa de vermelho intenso que evoca de imediato a presença do rubi ou do raríssimo diamante vermelho. Esta riqueza cromática estabelece uma relação visual direta com os grandes Rubis do acervo do Museu do Tesouro Real, símbolos históricos de poder dinástico e autenticidade. O diamante vermelho, embora ausente da coleção do museu, representa o pináculo dos diamantes de cor (os chamados *fancy colors*). Trata-se da cor mais rara da natureza: quanto mais saturada e forte for a sua tonalidade, mais valioso e escasso se torna o mineral. O melhor exemplo desta raridade extrema é o diamante *"Winston Red"* (de 2,33 quilates). Sobre ele, Wuyi Wang, vice-presidente de investigação e desenvolvimento do GIA, afirmou: "Um diamante natural obter a classificação de cor vermelha de fantasia é algo extremamente raro. Primeiro, precisa de ter uma cor perfeita nessa gama e, depois, a saturação também tem de ser impecável. Se for demasiado escuro, passa a preto; se for demasiado claro, transforma-se em cor-de-rosa." No centro da composição de *"Litany"*, uma mancha amarelada evoca a imagem de uma inclusão gemológica observada ao microscópio. No mundo real, embora a pureza dite o valor comercial, estas "imperfeições" são as assinaturas da natureza que provam a autenticidade de uma gema face a uma imitação sintética. No caso de um diamante vermelho, uma zona amarela interna assinala, geralmente, a presença de azoto. https://www.instagram.com/schaer.daniel/

25 - A obra "Sangue e Poder" de **Maria Reis** aborda temas de linhagem, paixão e sacrifício. O vermelho vibrante evoca a profundidade cromática dos rubis e das espinelas. A tela dialoga com a monumental insígnia da Ordem do Tosão de Ouro (início do século XIX, encomendada por D. João VI), cravejada de diamantes raros e rubis de tom denso. Maria Reis introduz no tecido pictórico matizes dourados e amarelados, característicos das inclusões e da refração do rubi em estado bruto. https://www.instagram.com/maria.oliveira.reis/

26 - A obra de **Teymur Rustamov** transita fluidamente entre o violeta e o vermelho, gerando um gradiente cromático que ecoa um fenómeno fascinante do reino mineral: o *color zoning* (zoneamento de cor). Esta transição, frequentemente observada em safiras e turmalinas bicolores, reflete as variações da matéria na própria tela, como se a pintura imitasse o crescimento orgânico de um cristal. Na natureza, as frentes de crescimento químico fundem-se de forma subtil, criando uma passagem impercetível onde o violeta se dissolve lentamente até se transformar em vermelho. A turmalina, considerada um autêntico camaleão mineralógico, ilustra na perfeição esta mutação: a sua transição tonal (frequentemente associada às variedades de indigolite e rubelite) ocorre devido a flutuações nas concentrações de manganês e ferro na solução hidrotermal profunda.

Teymur Rustamov parece refletir com precisão a visão de Lancelot Law Whyte, para quem a ausência de uma geometria rígida não significa falta de lógica, mas sim um padrão dinâmico e fluido que foi "congelado" no tempo, tal como o crescimento químico de uma turmalina bicolor profunda nascido da dialética entre as partes e o todo.

27 + 28 + 29 - Nas obras Movimento, Suspensão e Pegadas, **Maria João Vale** utiliza a intensidade da cor vermelha para estabelecer um diálogo direto com os rubis do Museu do Tesouro Real. Porém, este vermelho denso evoca a qualidade das gemas mais raras do mundo: os rubis de Mogok, conhecidos como cor "sangue de pombo". Os rubis formam-se na crosta terrestre média e profunda, tipicamente a profundidades entre 10 e 40 quilómetros. A cor destas gemas nasce da presença de crómio na matriz do corindo. Este elemento atua não apenas como pigmento, mas como catalisador de luz: confere ao rubi uma fluorescência natural que o faz brilhar a partir do seu interior. Ao explorar a saturação, a matéria e a forma como a tinta absorve a luz, Maria João Vale materializa este mesmo fenómeno na sua pintura. https://www.instagram.com/mariajoaovale/

24 - Daniel Schär
Litany
100 x 100 x 3cm, Óleo s/ Tela
Copyright - Daniel Schär

25 - Maria Reis
Sangue e Poder
Acrílico s/ Tela
80 x 80 x 5 cm
Copyright - Maria Reis

26 - Teymur Rustamov
Vermelho (Gerado em Computador)
Impressão em Jato de Tinta s/ Tela
50 x 50 x 4 cm
Copyright - House of Rustamov

27 + 28 + 29 - Maria João Vale
Movimento; Suspensão; Pegadas
Fotografia impressa s/ papel Hahnemuhle Studio Enhanced Matte 210gsm, Colagem PVC 4 mm branco
30 x 40 x 2 cm, 30 x 40 x 2 cm, 30 x 40 x 2 cm
Copyright - Maria João Vale





Teymur Rustamov, nascido em 1960 em Baku, no Azerbaijão, é um prestigiado artista contemporâneo cuja prática se desenvolve predominantemente nos campos da escultura, da videoarte e das artes gráficas. Graduou-se pelo Azim Azimzadeh College of Art e pela Faculdade de Escultura da Academia de Arte de Tbilisi, tendo consolidado um percurso que o tornou uma figura de destaque no panorama artístico do seu país. A sua relevância internacional foi chancelada pela participação na 53.ª Bienal de Veneza, em 2009, e na 5.ª Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Baku.

A proposta estética de Rustamov assenta na reconfiguração da realidade através do uso de múltiplos suportes e meios alternativos, que incluem a escultura, a videoarte, as paisagens sonoras, a animação audiovisual e a abstração. Inspirado por uma fusão singular que cruza a arte antiga e contemporânea, a Art Déco, a ficção científica e a música, o artista cria obras que desafiam a perceção convencional, oferecendo ao espetador uma perspetiva alternativa e profundamente original sobre o mundo real. Atualmente, o seu trabalho encontra-se representado em coleções públicas e museus estatais em Baku, bem como no Centro Cultural do Azerbaijão, em Paris. https://www.instagram.com/teymurrustamovsculptor/

30 + 31 + 32 - Marjorie Salvagni exibe três obras de pintura da sua "Série Transmutações". Estas obras são altamente representativas daquilo que inspira a joalharia: a simbiose perfeita entre a arte e o mundo natural. Esta simbiose encontra eco na Morfologia Estrutural de Lancelot Law Whyte, que defende que todas as estruturas vivas partilham um sistema coordenado de simetria e transformação. Sob esta perspetiva, a matéria orgânica está sempre em processo de transição (mutação) para alcançar o equilíbrio, transformando a obra num registo visível de um processo dinâmico de crescimento, mutação e coordenação interna que rege tanto a biologia como o cosmos.

Exemplo máximo deste diálogo entre a joalharia e o mundo natural é a Cartier — uma das mais prestigiadas casas de alta joalharia do mundo e criadora de peças para várias cortes europeias —, que adotou a pantera (retratada na tela flanqueada por uma exuberante flora tropical) como o seu símbolo icónico, imortalizando a força e os movimentos sinuosos da natureza em metal e pedras preciosas. Foi sobre o esplendor desta casa que o rei Eduardo VII do Reino Unido cunhou a célebre máxima: "Cartier, o joalheiro dos reis e o rei dos joalheiros".

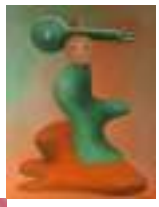
Numa composição de cores ricas e variadas, a obra de Salvagni harmoniza a fragilidade dos elementos orgânicos, como as pérolas (nascidas da própria vida), e a força dos inorgânicos, materializada no diamante que flutua no topo da tela. A gema surge representada no seu perfil clássico e universal de lapidação brilhante, onde se distinguem claramente a coroa, a cintura e as facetas geométricas do pavilhão que afunilam em direção à base. Esta estrutura lapidada introduz uma rigidez cristalina e simétrica que contrasta com a fluidez orgânica da vegetação envolvente. Nas pérolas, esta riqueza cromática manifesta-se através dos fenómenos de Matiz e Oriente: o primeiro, revelando as subtis tonalidades secundárias que flutuam sobre a cor base da gema; o segundo, o seu brilho iridescente e profundo, que parece emanar do seu interior. Esta dualidade material e cromática remete diretamente para a Placa das Três Ordens Militares, uma das maiores obras-primas do acervo do museu, onde o diálogo entre o "fogo" dos diamantes e o brilho das gemas de cor dita o ritmo absoluto da luz. https://www.instagram.com/marjoriesalvagni_art/

33 - No contexto desta exposição, a soberania destas personagens feitas de Luz e energia dialoga de forma fascinante com a joalharia dinástica do Museu do Tesouro Real. Se as insígnias e coroas de corte usavam o ouro e as pedras preciosas para materializar o poder absoluto e terreno dos homens, **Adelaide de Freitas** utiliza a Luz e a Cor para coroar os seus próprios seres interdimensionais. O azul e o verde da sua paleta remetem para a nobreza dos esmaltes e das esmeraldas, enquanto o vermelho e o laranja acionam a energia visual de gemas fenomenais. Esta abordagem aproxima-se do fulgor elétrico da espectrolite e do fenómeno da labradorescência, onde os clarões audazes de arco-íris e o magnetismo da cor funcionam como autênticas revelações de outros mundos, transformando a tela num portal para o infinito. https://www.instagram.com/adelaidefreitas.20/

30 + 31 + 32 - Marjorie Salvagni
Serie Transmutation: Meditação e Conexão Com o Eu Superior; O Amor é Energia Criadora; Quando Mudamos Por Dentro, Transformamos Por Fora
Acrílico s/ Tela
70 x 100 x 5 cm, 70 x 100 x 5 cm, 60 x 90 x 5 cm
Copyright - Marjorie Salvagni

33 - Adelaide de Freitas
O Segredo das Pirâmides
Acrílico s/ tela
90 x 70 x 5 cm
Copyright - Adelaide de Freitas

33



30 + 31 + 32









A prática artística de **Marjorie Salvagni** nasce de uma ligação profunda com a natureza e com os processos de transformação interior e espiritual do ser humano. Com um percurso multidisciplinar na infância através da dança, do piano e do teatro, a artista encontrou nas flores uma linguagem metafórica central. A beleza, a leveza e a fragilidade floral servem nas suas obras como representações visuais dos estados da alma, dos renascimentos emocionais e do encontro entre a vulnerabilidade e a força interior. As suas obras integram importantes coleções e acervos institucionais e privados, incluindo a General Label (Brasil), Fundisolo (Brasil) e a coleção particular de Michael Joop (Nova Iorque). https://www.instagram.com/marjoriesalvagni_art/

34 - No caso da obra "O Galo" de **RVieira,** estamos perante a biologia animal e não a vegetal. O galo assume uma beleza incontestável na cultura portuguesa, destacando-se a complexidade da sua plumagem e crista. A plumagem do galo, à semelhança da do pavão, exibe uma iridescência estrutural fascinante. Quando a luz incide sobre as penas, cria um efeito visual dinâmico que, embora evocativo do fenómeno físico do pleocroísmo ou do jogo de cores típico das gemas, resulta de um processo de difração e interferência da luz na microestrutura da pena. Dependendo do ângulo de visão (simetria de observação), certas ondas de luz são canceladas enquanto outras são reforçadas, fazendo com que o galo pareça mudar de tonalidade — do azul metálico para o verde-esmeralda ou cobre. A plumagem do galo é um exemplo perfeito de biomorfismo geométrico. Se ampliarmos a superfície de uma das suas penas, observaremos uma grelha de elementos alinhados tão rigorosamente como os átomos numa estrutura cristalina. É esta organização repetitiva que "quebra" a luz branca e nos devolve cores puras e saturadas, funcionando de forma análoga à de uma gema lapidada, cuja geometria é precisamente calculada para maximizar o seu "fogo" ou dispersão de luz.

35 - Com a fotografia *"What goes up must come down"*, de **Marc Gulbenkian**, somos transportados para o campo da biologia animal através da figura de um pavão, cujo azul elétrico contrasta com o tom rosa-avermelhado da parede. Símbolo supremo de realeza e estatuto na Índia dos Marajás, o pavão exibe um azul profundo que evoca o brilho das safiras e das opalas. No entanto, o verdadeiro segredo da ave reside na física: as suas penas possuem nanoestruturas geométricas que dividem e refletem a luz, criando o fenómeno da iridescência. Este jogo de cores mutáveis é o mesmo que encontramos no reino biológico e mineral com a madrepérola — um efeito deslumbrante que pode ser apreciado no acervo do Museu através dos Leques Reais, das tabaqueiras e das caixas de rapé. https://www.instagram.com/marc.s.gulbenkian/

34 - RVieira
O meu galo
Óleo s/ Tela
40 x 30 x 5 cm (com moldura)
Copyright - RVieira

35 - Marc Sarkis Gulbenkian
What goes up must come down
Papel fotográfico em suporte PVC
40 x 60 x 4 cm
Copyright - Marc Sarkis Gulbenkian





Marc Sarkis Gulbenkian carrega um apelido indissociável da história da arte e da filantropia em Portugal. Sobrinho-neto do magnata e colecionador de arte Calouste Gulbenkian, Marc cresceu num ambiente profundamente estimulante do ponto de vista cultural e estético, marcado pelas memórias da Diáspora Arménia. No entanto, o seu percurso foi desenhado de forma independente, construindo uma identidade artística contemporânea muito própria. Desde há mais de uma década que o artista apresenta com regularidade o seu trabalho em solo português, participando em exposições individuais e coletivas em galerias de arte contemporânea, centros culturais e feiras de arte um pouco por todo o país. Além disso, mantém uma participação ativa na preservação da memória da comunidade arménia. https://www.instagram.com/marc.s.gulbenkian/

36 + 37 - O diálogo conceptual desta exposição materializa-se de forma exemplar na fotografia artística de **Isabel Soares dos Reis.** Nesta macrovisão do mundo exterior vemos o espelho da microfotografia gemológica. A sua obra pode ser interpretada, através das suas linhas geométricas e planos de luz, como visualmente o fenómeno do internal graining — as linhas de tensão e crescimento gravadas na estrutura atómica profunda de um diamante. Por outro lado, ao capturar o rasto luminoso e fluído de uma ave em movimento contra um fundo ramificado, simula uma pena ou *feather* (as fraturas internas em forma de pena que habitam os minerais) como o efeito dinâmico da fotofluorescência, onde a matéria parece brilhar na escuridão ao reagir à luz. https://www.instagram.com/isabelsoaresdosreis_fotografia/

38 - Mónica de Morais cria uma obra que pulsa na perfeita harmonia entre luz, forma e cor. Na sua criação, a obra "Passagem", a sombra surge como o elemento principal, projetada pela luz que incide sobre uma aparente 'cruz' ou um 'T' gerado pelo contraste entre o claro e o escuro. Aqui encontramos os quatro elementos fundamentais desta exposição: a sombra, a luz, a forma e a cor. A cruz é o ponto de encontro, a fronteira e a transição entre o plano horizontal e o vertical, entre o claro e o escuro. https://www.instagram.com/monica_de_morais_artist/

39 - A obra "Ouro Líquido" de **Maria Reis**, dispensa introduções: é a celebração do metal nobre por excelência e a luz que articula todas as outras obras. Representa o ouro fluido que transcende — a luz dourada que banha e consagra a ideia de tesouro. Conecta-se diretamente com o Núcleo do Ouro do Brasil, evocando as pepitas, lingotes e moedas que constituíam a reserva da Coroa Portuguesa nos séculos XVII e XVIII. https://www.instagram.com/maria.oliveira.reis/

40 - No percurso desta exposição, a obra de **Martin Stranka** surge como um poderoso ponto de ancoragem para o fator humano — o recetáculo final onde a física da luz se transforma em emoção através da retina. Ao apresentar uma fotografia em preto e branco focada nos olhos, o artista resgata a nossa própria capacidade de testemunhar e interpretar o mundo, conectando a ciência da visão à profundidade da alma. Estes olhos, que integram uma série densa e intimista que o fotógrafo dedicou ao tema da perda, flutuam num espaço emoldurado pelo vazio absoluto de um fundo preto. Aqui, o olhar manifesta-se como um símbolo complexo, onde coexistem a afirmação, o luto e a negação. Sob a lente de Stranka, opera-se a dualidade máxima da física e da arte: o preto como a ausência absoluta de cor e o branco como a totalidade mística da luz. Ao analisarmos a obra de Martin Stranka, percebemos como ela se alinha com a visão de Rudolf Arnheim sobre o olhar frontal — exemplificado por Arnheim na face de Cristo de Albrecht Dürer. O teórico explica que este olhar isolado cria uma força vetorial direta com o espetador: os olhos deixam de ser mera anatomia e passam a ser o centro da mensagem, funcionando como um íman percetivo que exige uma reação psicológica imediata. Historicamente, a cor/pigmento preto, evoca a opulência da própria realeza europeia: entre os séculos XV e XVII, o pigmento preto era um dos mais caros e difíceis de obter, servindo como o símbolo máximo de riqueza, autoridade e sofisticação aristocrática. Na alta joalharia, essa mesma densidade ganha uma nova vida através de diamantes pretos. Descobertos originalmente em 1841, numa era pós-colonial, na região da Bahia, no Brasil — onde ficaram conhecidos como "carbonados" — usados para uso industrial. Os diamantes pretos ficaram famosos mais tarde, no final da década de 1990, quando o designer suíço Fawaz Gruosi, fundador da casa De Grisogono, elevou o diamante preto ao estatuto de luxo. Na obra de Stranka, o preto resgata toda esta carga histórica e mineral: deixa de ser um mero plano de fundo e passa a ser a presença mais profunda da exposição — o lugar onde a luz se recolhe para dar espaço à memória. https://www.instagram.com/martinstranka

36 + 37 - Isabel Soares dos Reis
Da sensibilidade das árvores
Fotografia impressa s/ papel fotografico
50 x 40 x 2 cm (com Moldura, cada)
Copyright - Isabel Soares dos Reis

38 - Mónica de Morais
Passagem
Acrílico s/ Tela e Papel de Seda
100 x 81 x 5 cm
Copyright - Mónica de Morais

39 - Maria Reis
Ouro Líquido
Acrílico s/ Tela
60 x 60 x 5 cm
Copyright - Maria Reis

40 - Martin Stranka
With All My Lies
Fotografia com impressão em Papel Hahnemühle
50 x 50 x 7 cm (com Moldura)
Coleção Privada
Copyright - Martin Stranka





Isabel Soares dos Reis é uma artista visual cujo trabalho se expressa através de uma fotografia contemplativa, delicada e rigorosa. Licenciada e pós-graduada em Psicologia pela Universidade Clássica de Lisboa, funde a técnica fotográfica com uma sensibilidade psicológica própria, dedicando-se à imagem como uma forma profunda de expressão artística. A sua formação estruturou-se na Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA), onde concluiu o curso de Fotografia e desenvolveu um projeto artístico continuado, complementando o seu percurso com estudos em História da Arte e processos fotográficos alternativos. O seu olhar debruça-se sobre a quietude, o minimalismo e a valorização do jogo entre a luz e a sombra. Ao abordar paisagens, elementos naturais e naturezas-mortas, a artista transforma o silêncio, a simplicidade e a busca pela paz em reflexões visuais sobre a contemporaneidade.

Com um percurso expositivo consistente iniciado em 2019, o seu trabalho tem habitado espaços de relevo em Portugal, integrando mostras em locais como o Palácio de Galveias (2025), a Casa Museu dos Patudos e o Complexo Cultural da Levada (Tomar), além de exposições regulares na Galeria Arte Graça (entre 2023 e 2026) e na própria SNBA. Internacionalmente, Isabel Soares dos Reis tem vindo a consolidar o seu reconhecimento através de distinções de prestígio, com destaque para a medalha de prata no concurso global *Exposure One Awards* ("Photographer of the Year", 2025), a seleção do projeto "Delírium" para o *IMAGOLISBOA Portfolio Review* e distinções por entidades como a *Instanta* e a *Photographizemag*. O seu trabalho conta ainda com uma forte presença editorial, tendo sido publicado e exposto virtualmente pela prestigiada *Artdoc Photography Magazine*. Em 2022, a sua visão artística foi destacada a nível nacional no programa FOTOBOX (RTP3), reafirmando o seu lugar como uma voz singular e poética na fotografia portuguesa atual. https://www.instagram.com/isabelsoaresdosreis_fotografia/

Martin Stranka é um fotógrafo profissional autodidata sediado em Praga e natural da Chéquia, onde nasceu em 1984. Martin era um estudante que frequentava com esforço o curso de gestão quando a perda inesperada de um ente querido o levou a dedicar-se à fotografia como forma de terapia. Esse passatempo transformou-se numa paixão e, eventualmente, numa profissão. A sua visão distinta deste meio ocupa um espaço único de equilíbrio e serenidade, com imagens ricas e complexas que parecem captar os momentos fugazes entre o sonho e o acordar. As peças de Martin assemelham-se a fotogramas de um filme que caminha na linha ténue entre a fantasia e a realidade. O artista explora a nossa fascinação com a narrativa incompleta. Nas suas palavras: "Nestas histórias visuais deliberadamente inacabadas, procuro a fronteira entre o apelo estético e uma cena dramática."

Nos últimos anos, Martin arrecadou mais de 80 grandes prémios internacionais de fotografia em vários concursos, incluindo os International Photography Awards™ realizados em Nova Iorque, no Carnegie Hall, onde foi nomeado Fotógrafo Especial do Ano em 2022. Em 2024, o seu livro Beautiful Accidents conquistou o 2.º lugar no mesmo concurso, na categoria de Livro de Belas Artes (Fine Art Book), entre todas as obras submetidas a nível mundial. Recebeu também distinções dos Sony World Photography Awards (1.º lugar na categoria Open Creative e Prémio Nacional em 2018 e 2019), dos Annual Photography Awards (Fotógrafo do Ano, 2021) e do *Prix de la Photographie* Paris (Medalha de Ouro). O trabalho de Martin tem sido exibido e leiloado pela conceituada casa de leilões Christie's em Londres e Amesterdão, e as suas exposições individuais e coletivas já passaram pelas Américas do Norte e do Sul, por toda a Europa e até à Ásia. As suas fotografias foram expostas em cidades de todo o mundo, tais como Nova Iorque, Basileia, Tóquio, Londres, Miami, Paris, Praga, Hong Kong e Kiev. Entre as galerias onde o trabalho de Martin já foi apresentado contam-se a Christie's London (Reino Unido), o Danubiana Meulensteen Art Museum (Eslováquia), o Mánes Exhibition Hall (Chéquia), a Saatchi Gallery (EUA) e a SNAP! Orlando (EUA), entre muitas outras.

A fotografia onírica e transportadora de Martin tem sido encomendada por instituições culturais como o Teatro Nacional de Praga e o Ballet Nacional Checo. As suas imagens foram também utilizadas por editoras de Nova Iorque para capas de romances de mistério e suspense — géneros para os quais Martin acredita que o seu trabalho é perfeito. Criou capas de livros para as maiores editoras nova-iorquinas, como a HarperCollins Publishers, Sterling Publishing e Penguin Random House, e colaborou com outras editoras de livros, editoras discográficas e artistas um pouco por todo o mundo. https://www.instagram.com/martinstranka



Luz, Forma e Cor

Data: 12 de Setembro a 1 de Outubro de 2026
Morada: Museu do Tesouro Real, Lisboa. Palácio Nacional da Ajuda, Calçada da Ajuda, 1300-012 Lisboa
Site: usia.co.uk/mtr
Curadoria: Francisco Lacerda
Artistas: Adelaide de Freitas, Ana Gonçalves, Carlos Barahona Possollo, Carol Welsch, Cristina Albaker, Daniel Schär, Isabel Soares dos Reis, Jessica Dunn, Marc Sarkis Gulbenkian, Maria João Vale, Maria Reis, Marjorie Salvagni, Martin Stranka, Mónica de Morais, Rita Andrade, RVieira, Teymur Rustamov
Textos: Álvaro Madureira Pinto, Francisco Lacerda, Maria José Lourenço, Rui Jorge Agostinho, United State Of International Artists
Organização, Produção: United State Of International Artists
Comunicação: United State Of International Artists
Design gráfico: United State Of International Artists
Agradecimentos: Dr. Nuno Vale (Museu do Tesouro Real); S. Ex.ª o Embaixador Jaroslav Zajíček e Anna Syková (Embaixada da República Checa em Portugal); S. Ex.ª o Embaixador Lukas Gasser e Marie-Hélène Krafft Ferreira (Embaixada da Suíça em Portugal); Miguel Clarinha (Pastéis de Belém); Sebastian (Companhia Portugueza do Chá) e Peter Huestis (National Gallery of Art, Washington D.C)

Créditos

ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Pioneira, 2005.
GERRITSEN, Frans. Theory and practice of color: a color theory based on laws of perception. New York: Van Nostrand Reinhold, 1975.
GIA (Gemological Institute of America). Gems & Gemology / Gem Encyclopedia. Carlsbad: GIA, 2026. Disponível em: https://www.gia.edu. Acesso em: 1 jul. 2026.
GLEITMAN, Henry; REISBERG, Daniel; FRIDLUND, Alan J. Psicologia. 10. ed. New York: W. W. Norton & Company, 2016.
KANDINSKY, Wassily. Do espiritual na arte. Tradução de Maria Helena de Freitas. 12. ed. Alfragide: Dom Quixote, 2019.
PASTOUREAU, Michel. Dicionário das cores do nosso tempo: simbólica e sociedade. Vol. 1. Tradução de Maria do Rosário Cavaleiro. Lisboa: Editorial Presença, 2012.
PAUL, Stella. Chromaphilia: the story of color in art. London: Phaidon, 2017.
PLÍNIO, o Velho. História natural. Livro XXXVII: Gemas e pedras preciosas. Tradução de Antonio de Sousa Albano. Lisboa: Edições 70, 2008.
STEVENSON, Stella. Chromaphilia: the story of color in art. London: Laurence King Publishing, 2017.
STOICHITA, Victor I. Uma breve história da sombra. Lisboa: Relógio D'Água, 1999.
WHYTE, Lancelot Law (org.). Aspects of form: a symposium on form in nature and art. New York: Elsevier, 1968.

© de imagens, textos e traduções

A USIA contribui com 0,1% das suas receitas para a remoção de carbono através do programa Stripe Climate, reforçando assim o seu compromisso com a sustentabilidade e com iniciativas inovadoras de combate às alterações climáticas.

Glossário

Arte Ultracontemporanea - A arte ultracontemporânea é a arte do "agora absoluto", que se destaca por estar na linha de frente da inovação. Diferente da arte contemporânea tradicional, ela foca no presente imediato e é feita por uma nova geração que usa tecnologias de ponta (como inteligência artificial e realidade virtual), materiais inovadores e obras interativas para questionar os problemas mais urgentes da nossa sociedade atual de forma rápida e impactante.
Brilhante - Diamante é o material (o mineral de carbono); Brilhante é o formato (o corte redondo de 57/58 facetas). A lapidação brilhante moderna foi desenvolvida matematicamente pelo engenheiro Marcel Tolkowsky em 1919. Ela foi projetada para ter exatamente 57 ou 58 facetas posicionadas em ângulos perfeitos. O objetivo deste corte é puramente ótico: fazer com que a luz que entra pela parte superior da pedra ricocheteie nas facetas do fundo e regresse quase na totalidade aos olhos de quem a observa. Isto maximiza ao extremo os três fenómenos óticos da gema: o brilho (luz branca refletida), o fogo (a dispersão em cores do arco-íris) e a cintilação (os flashes de luz quando a pedra se mexe).
Composição química - Os tipos e as quantidades relativas de átomos que compõem um material.
Clorofila - A clorofila é o pigmento natural responsável pela cor verde das plantas, algas e cianobactérias. Contudo, ela é muito mais do que apenas uma cor: é o motor biológico que sustenta a vida na Terra. As moléculas de clorofila são excelentes a absorver a luz solar nas frequências do azul e do vermelho. No entanto, elas não conseguem absorver a frequência da luz verde. Como essa luz não é aproveitada, é refletida de volta. Os nossos olhos captam essa rejeição, e é por isso que vemos o mundo vegetal dessa cor. Clorofila a: Presente em todos os organismos fotossintéticos. Absorve melhor a luz vermelho-violeta e exibe uma tonalidade verde-azulada. Clorofila b: Funciona como um painel solar secundário em plantas e algas verdes, ajudando a captar mais luz. Exibe uma tonalidade verde-amarelada.
Cor de fantasia - Os diamantes de cor de fantasia (mundialmente conhecidos como *Fancy Color Diamonds*) são diamantes naturais que possuem uma cor diferente da escala tradicional (que vai do transparente ao amarelo claro). Enquanto no mercado comum o diamante mais valioso é aquele que é totalmente incolor, no mundo *Fancy* a regra inverte-se: quanto mais intensa, vibrante e rara for a cor, mais valiosa e cara é a gema.
Clareza - A clareza do diamante (ou pureza) é a escala que mede a quantidade, o tamanho e a visibilidade das imperfeições que a pedra possui. É um dos famosos 4 Cs (GIA) do diamante (junto com o Corte, a Cor e o Quilate). Essas imperfeições dividem-se em dois tipos: as inclusões (detalhes internos, como pequenos cristais de carbono ou fraturas que ficaram presos dentro da pedra enquanto ela se formava na Terra) e as manchas (defeitos externos na superfície, como riscos).

Cristal — Os minerais formam-se quase sempre como cristais. Um cristal é uma matéria sólida com átomos dispostos num padrão regular, repetitivo e tridimensional chamado estrutura cristalina, ou retículo cristalino. Este padrão, invisível a olho nu, é conhecido como estrutura cristalina (ou retículo cristalino) e é ele que dita as propriedades físicas e o formato externo da gema. Importante não confundir: No comércio e na linguagem do dia a dia, a palavra "cristal" é muitas vezes usada de forma errada para descrever objetos de vidro. O chamado "cristal Swarovski", por exemplo, não é um cristal natural, mas sim um vidro industrial de altíssima qualidade e brilho, fabricado pelo homem. Da mesma forma, os "cristais" de taças e copos são apenas vidro comum com adição de chumbo. Um cristal autêntico é sempre uma obra da natureza com uma estrutura atómica organizada, enquanto o vidro é um material artificial e sem organização interna.

Diamante Português - O Diamante Português (Portuguese Diamond) é um dos diamantes históricos mais famosos do mundo, célebre pela sua cor única, tamanho impressionante e por uma característica ótica extraordinária. Trata-se de um diamante de 127,01 quilates, com uma lapidação esmeralda modificada (em formato octogonal).

A sua maior particularidade é possuir uma fluorescência azul extremamente forte. Sob a luz solar direta (que contém raios ultravioleta), o diamante emite um brilho azulado tão intenso que a pedra parece ter uma névoa ou um aspeto "leitoso", mudando completamente de cor à luz do dia. Em luz artificial, exibe uma cor amarelada muito clara.

O nome deve-se a uma lenda antiga que dizia que a pedra tinha sido descoberta no Brasil no século XVIII e levada para a Coroa Portuguesa. No entanto, investigações modernas provaram que o diamante foi, na verdade, descoberto na África do Sul (na mina de Premier) no início do século XX. O nome "Português" ter-se-á tratado de uma estratégia de marketing de um comerciante para dar um misticismo real à pedra.

Dispersão - A dispersão é o fenómeno ótico que acontece quando a luz branca (como a luz do Sol) entra numa gema e se divide em todas as cores do arco-íris. Em termos simples, é o que no mundo da joalharia chamamos de "fogo" do diamante.

Elemento químico - Uma substância que consiste em átomos de apenas um tipo.

Espectro eletromagnético - O Espectro Eletromagnético é a distribuição de todas as ondas eletromagnéticas existentes, organizadas de acordo com a sua frequência e energia. Em termos simples, é o mapa de toda a "luz" do Universo, embora os nossos olhos apenas consigam ver uma pequeníssima parte dele.

Escala de Mohs - A Escala de Mohs é uma tabela de 1 a 10 que mede a dureza dos minerais, ou seja, a sua resistência a serem riscados. Criada pelo mineralogista Friedrich Mohs em 1812, consiste em saber se um mineral com número mais alto consegue riscar todos os que estão abaixo dele. O ponto de partida é o Talco (grau 1), que é tão macio que se risca com a unha, e o topo absoluto é o Diamante (grau 10), o material mais duro da natureza, que só pode ser riscado por outro diamante.

Fluorescência - A fluorescência é a capacidade que alguns materiais têm de emitir luz visível apenas enquanto estão a ser iluminados por uma fonte de energia, geralmente a luz ultravioleta (UV). Nas gemas, este fenómeno é muito comum e serve como uma ferramenta de identificação. Cerca de 30% dos diamantes, por exemplo, emitem um brilho azulado quando expostos à luz UV. Outro caso famoso são os rubis naturais, que muitas vezes brilham com um vermelho néon intenso sob luz negra devido à presença de crómio na sua composição.

Fosforescência - A fosforescência é a capacidade que alguns materiais têm de absorver a luz e continuar a brilhar no escuro, mesmo depois de a fonte de luz ter sido apagada. Nas gemas, a fosforescência é um fenómeno raro e fascinante. O exemplo mais famoso do mundo é o Diamante Hope: depois de ser exposto à luz ultravioleta, este diamante azul continua a brilhar com uma cor vermelha intensa e fantasmagórica durante vários segundos no escuro total.

Forma Geométrica vs. Forma Orgânica; a **Forma de Orientação** (*Spatial Orientation*); o **"Método Egípcio" ou Forma de Aspeto Puro** (*Orthogonal Form*); a **Forma de Sobreposição** (*Overlapping Form*); a **Forma de Distorção ou Deformação** (*Deformation*); e a **Forma de Contraste Figura-Fundo** (*Figure-Ground*).

Gemologia - A gemologia é o ramo da geologia que estuda cientificamente as pedras preciosas (gemas)**.**

Gema - Para ser uma gema, um mineral deve ser belo, durável e raro. Gemas sintéticas não são minerais porque são formados em laboratório, em vez de serem formados por processos geológicos na Terra. Algumas outras gemas — como pérola, coral, âmbar e marfim — são produzidas por organismos vivos, o que significa que são orgânicas.

(RI) índice de refração - O Índice de Refração (IR) é uma propriedade ótica que mede a redução da velocidade da luz ao entrar numa gema em comparação com o ar, funcionando como uma "impressão digital" única para cada mineral. Como cada gema desvia a luz de forma específica, os gemólogos utilizam um refratómetro para medir este valor exato (como 2,42 para o diamante ou 1,57 para a esmeralda), tornando o IR um método eficaz e seguro para identificar e distinguir gemas verdadeiras de imitações ou vidros. O vidro comum tem um IR baixo, geralmente em torno de 1,50, o que significa que ele desacelera e desvia muito pouco a luz, resultando num brilho fraco e sem "fogo". Em contrapartida, gemas verdadeiras têm índices de refração muito mais altos e específicos (o rubi tem 1,76 e o diamante tem 2,42), fazendo com que a luz sofra um desvio violento lá dentro e regresse aos olhos com aquele brilho intenso e colorido característico.

Idiocromática - Uma gema é idiocromática quando a sua cor nasce da sua própria estrutura química principal, funcionando como uma assinatura cromática única e imutável daquela espécie mineral. Por outro lado, as gemas alocromáticas são totalmente incolores na sua forma pura e só ganham cor quando "impurezas" ou elementos químicos adicionais (trace elements) entram na sua estrutura de forma acidental durante o crescimento do cristal.

Iridescência - Iridescência é o fenómeno ótico onde uma superfície muda de cor dependendo do ângulo de visão ou da luz. Comum na Obsidiana de Fogo, Ágata de Fogo, Madrepérola e Amolita.

Joalharia - É a arte, a indústria ou o produto final de criar peças ornamentais para o corpo (como anéis, colares, brincos ou coroas). Uma peça de joalharia combina metais preciosos (ouro, platina, prata) com o trabalho de *design*, cravação e manufatura humana.

Labradorescência - A labradorescência é um fenómeno ótico dinâmico e exuberante que ocorre no interior de certas gemas, caracterizado pelo aparecimento de clarões intensos, elétricos e metálicos de cor quando a pedra é movimentada sob uma fonte de luz. Ao contrário de outros minerais cuja cor provém de pigmentos químicos, a labradorescência é uma cor estrutural. Ela resulta de um fenómeno físico chamado interferência em película fina: o mineral é composto por camadas microscópicas alternadas e paralelas; quando a luz penetra na gema, ela rebate repetidamente entre estas lamelas internas, sendo filtrada e refletida de volta para o olho humano sob a forma de um clarão luminoso e cortante. Comum nas gemas Labradorite e Espectrolite.

Lapidação em rosa - É um corte antigo e romântico onde a gema tem uma base totalmente plana e o topo elevado em forma de cúpula facetada, lembrando as pétalas de um botão de rosa a abrir.

Lapidação brilhante - É o corte moderno mais famoso e redondo do diamante, projetado cientificamente com 57 ou 58 facetas para refletir o máximo brilho e fogo possíveis quando a luz entra na pedra.

lapidado em briolette - É um diamante ou gema em formato de gota, totalmente coberto por pequenas facetas triangulares ou geométricas em toda a sua volta, não tendo uma base plana (parece uma lágrima facetada).

Lapidações antigas de brilhante (old mine cut e old European cut) - As lapidações Old Mine e Old European são formatos antigos de diamantes feitos totalmente à mão, caracterizados por serem mais "gordinhos", terem uma base profunda, a ponta de baixo (o cútis) plana e terem sido desenhados para brilhar à luz das velas; a diferença simples está no formato, sendo que a Old Mine Cut é quadrada com cantos arredondados (como uma almofada) e a Old European Cut é perfeitamente redonda.

"Pavilhão" de diamante - Na lapidação de um diamante, o pavilhão é a metade inferior da pedra, ou seja, a parte que fica abaixo da linha da cintura (a parte mais larga) e que termina na ponta afiada de baixo (o cútis). O pavilhão funciona como um "espelho": o seu único objetivo é refletir a luz que entra pela parte de cima do diamante de volta para os seus olhos, garantindo o brilho máximo da gema.

Pendente - Na joalharia, um pendente é qualquer peça decorativa (como uma pedra, medalha ou amuleto) feita para ser pendurada numa corrente ou num colar. É o elemento principal que fica suspenso e brilha no centro do peito.

Psicologia da Gestalt - A Psicologia da Gestalt é uma teoria que estuda como a nossa mente percebe as coisas. O seu princípio básico é: o nosso cérebro não vê o mundo em bocadinhos isolados, mas organiza tudo em formas completas.

Pleocroísmo - é um fenómeno ótico no qual um cristal ou gema exibe cores ou tonalidades diferentes quando é observado de ângulos distintos. Não se trata de uma ilusão de ótica da superfície, mas sim de uma propriedade física real da estrutura interna da pedra. Na **iridescência**, as cores do arco-íris "flutuam" e mudam dinamicamente na superfície devido à reflexão em microcamadas internas (como na opala ou na madrepérola). No **pleocroísmo**, as cores são fixas e profundas; elas pertencem à própria massa da gema. A cor muda de forma limpa e previsível consoante o ângulo geométrico em que o observador se posiciona

Quilates - O quilate é a unidade de medida da joalharia que assume dois significados diferentes: nas gemas, indica o peso da pedra (onde 1 quilate equivale a 0,2 gramas); já no ouro, indica a sua pureza, sendo que o ouro puro tem 24 quilates e o ouro de 18 quilates, por exemplo, é uma liga com 18 partes de ouro e 6 de outros metais.

Fenómeno (ou fenómeno ótico) na Gemas - No primeiro grupo, focado na fragmentação da luz em cambiantes de arco-íris, destaca-se a **Iridescência**, que exibe cores intensas e acetinadas em materiais como a obsidiana de fogo, a ágata de fogo, a madrepérola e a amolita. Muito próximo deste efeito encontra-se o **Jogo de Cores (Play-of-Color)**, que se diferencia por apresentar tonalidades de arco-íris em constante movimento e mutação, sendo o traço de identidade da opala preciosa e da ágata íris.

Um segundo bloco reúne os fenómenos caracterizados por brilhos internos e fulgores difusos. A **Aventurescência** manifesta-se através de um centelhar cintilante e rítmico, cujo exemplo máximo é a pedra do sol. Por sua vez, a **Adularescência** evoca uma luminosidade suave e mística que imita o brilho da lua, uma particularidade exclusiva da pedra da lua. Quando este fulgor se transforma em clarões intensos de azul ou verde — revelando por vezes nuances de dourado, laranja ou violeta —, dá-se o nome de **Labradorescência**, um fenómeno exuberante observado na labradorite e na espectrolite. Já no reino orgânico das pérolas, a presença de uma cobertura iridescente, que pode ser monocromática ou multicolorida, é designada como **Matiz e Oriente (Overtone & Orient)**.

Por fim, existem os fenómenos que organizam a reflexão da luz em linhas e geometrias definidas sobre a superfície polida da gema. **A Chatoiância** (conhecida popularmente como Olho de Gato) concentra a luz numa linha única e nítida que atravessa a pedra de uma extremidade à outra, sendo muito apreciada no crisoberilo, no olho de tigre e em certas turmalinas. Sob o mesmo princípio físico, mas com uma organização estrutural diferente, o **Asterismo** distribui a luz num padrão simétrico em forma de estrela, conferindo uma aura sagrada e rara a exemplares como a safira estrela, o rubi estrela e a granada estrela.

Metamerismo - O metamerismo é um fenômeno óptico que ocorre quando duas cores parecem idênticas sob uma determinada fonte de luz, mas parecem completamente diferentes quando a luz muda. Esse conceito é fundamental em áreas como a gemologia, a arte, o design de interiores, a moda e a indústria automotiva.

Mineral - Uma substância natural e inorgânica, com uma composição química característica e, geralmente, uma estrutura característica.

Minerais amorfos - Enquanto a maioria dos minerais se organiza em padrões geométricos perfeitos e repetitivos (os cristais), as substâncias amorfas não têm uma estrutura interna organizada.

Plínio, o Velho - Caio Plínio Segundo (*Gaius Plinius Secundus*; 23–79 d.C.), universalmente conhecido como Plínio, o Velho, foi um naturalista, militar e polímata romano que personificou de forma singular a simbiose entre o cientista e o artista. Na sua monumental obra *Naturalis Historia*, Plínio deixou uma marca indelével em dois mundos aparentemente distintos. No Livro 35, oferece-nos o mito fundador da pintura ocidental ao afirmar que a arte da representação começou com o gesto primordial de circunscrever a sombra de um homem através de linhas (*"omnes umbra hominis lineis circumducta"*). Para Plínio, a arte não nasce da cor pura, mas sim da tensão entre a luz e a ausência dela. Embora a moderna historiografia da arte aponte as contradições e o caráter metafórico desta génese, a ideia da linha que recorta a luz e a sombra permanece como uma das mais poderosas fundações conceptuais da imagem. O contorno da sombra serve para fixar a imagem de alguém que já não está lá. Paralelamente, no Livro 37 — inteiramente dedicado às pedras preciosas —, Plínio estabelece as bases da gemologia moderna, assinando o mais importante tratado antigo sobre gemas. Ele surge, assim, como a figura tutelar perfeita para esta exposição, lembrando-nos de que a busca pela cor e pela luz une, desde a Antiguidade, a tela do pintor ao coração da gema.

Presilha de ombro - É uma peça de joalheria estruturada desenhada especificamente para prender no ombro de um vestido ou paletó. Elas funcionam como um broche de alta costura que dita o caimento do tecido, muito comum em vestidos de gala ou figurinos históricos.

Rocha - Um material natural composto por massas de cristais minerais de um ou mais tipos.

Refração - Nas gemas (pedras preciosas), a refração é um dos conceitos mais importantes da gemologia, pois é a principal responsável pelo brilho, pelo "fogo" e pela beleza da pedra, além de ser o método número um para identificar se uma gema é verdadeira ou falsa.

Retina - A retina é uma camada fina de tecido nervoso localizada na parte mais interna e posterior do olho (no fundo do olho). Ela funciona de forma muito semelhante ao sensor de uma câmara fotográfica

digital ou à película de um antigo filme. A sua principal função é transformar a luz em imagens para que o cérebro as possa interpretar.

Zoneamento de cor - O zoneamento de cor (ou color zoning) é um fenômeno visual que ocorre quando uma única pedra preciosa apresenta áreas com cores ou intensidades de cor visivelmente diferentes em seu interior. Em vez de ter uma cor perfeitamente homogênea, a gema exibe faixas, listras ou setores de tonalidades distintas.

USIA.CO.UK/MTR @usia_modern info@usia.co.uk

USIA

Embaixada
da República Checa
em Lisboa

Suíça.